

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

SABRINA MATIAS GOMES MITSUHASHI  
RA00104597

**MARCAS DE ORALIDADE NO DISCURSO DO TELEJORNAL  
*BOM DIA SÃO PAULO***

**SÃO PAULO  
2019**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

SABRINA MATIAS GOMES MITSUHASHI  
RA00104597

**MARCAS DE ORALIDADE NO DISCURSO DO TELEJORNAL  
*BOM DIA SÃO PAULO***

Monografia apresentada ao curso de especialização em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de ESPECIALISTA em Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora. Dra. Dieli Vesaro Palma.

**SÃO PAULO**

**2019**

## SUMÁRIO

<i>RESUMO</i> .....	3
<i>ABSTRACT</i> .....	4
<i>INTRODUÇÃO</i> .....	5
1. <i>JORNALISMO E TELEJORNALISMO</i> .....	7
1.1. JORNALISMO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	7
1.2. A LINGUAGEM JORNALÍSTICA.....	9
1.3. TELEJORNAL, TELEJORNALISMO E LINGUAGEM TELEVISIVA .....	12
1.4. MUDAR PARA PERMANECER: PARADIGMAS DO TELEJORNAL .....	19
2. <i>ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO</i> .....	23
2.1. UM BREVE HISTÓRICO .....	23
2.2. A NOÇÃO DE CONVERSAÇÃO.....	25
2.3. CARACTERÍSTICAS ORGANIZACIONAIS DA CONVERSAÇÃO.....	27
2.4. O TURNO CONVERSACIONAL.....	30
2.5. OS MARCADORES CONVERSACIONAIS.....	33
2.6. A COERÊNCIA E O TÓPICO CONVERSACIONAL.....	36
2.7. SOBRE O CONTEXTO.....	37
2.8. A POLIDEZ E OS SISTEMA DE FACES .....	39
3. <i>ENTRE A FALA E A ESCRITA</i> .....	43
3.1. LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA: DUAS MODALIDADES EM UM <i>CONTÍNUO</i> .....	43
4. <i>ANÁLISE DO CORPUS</i> .....	48
4.1. <i>BOM DIA SÃO PAULO</i> : UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO .....	48
4.2. AS MARCAS DE ORALIDADE NO TELEJORNAL <i>BOM DIA SÃO PAULO</i> 51	
5. <i>CONCLUSÃO</i> .....	64
6. <i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i> .....	67

MITSUHASHI, Sabrina Matias Gomes. *Marcas de oralidade no discurso do telejornal Bom Dia São Paulo*. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) — Programa de Pós- Graduação em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

## RESUMO

Este trabalho tem por tema as marcas de oralidade no telejornalismo e o seu objetivo principal é investigar e analisar as marcas de oralidade presentes no discurso do telejornal *Bom Dia São Paulo*, da Rede Globo, noticiário matutino com maior índice de popularidade no estado de São Paulo. Para realizar tal análise, recorreremos a teóricos que apresentam conceitos referentes a questões de jornalismo, telejornalismo, linguagem jornalística e telejornal, como Dias (2008); Lage (2006); Gutmann (2014); Marcondes Filho (2000) e Charaudeau (2010), bem como postulados teóricos estabelecidos pela Análise da Conversação, sobretudo das pesquisas desenvolvidas por Marcuschi (1986, 1997, 2010) e Kerbrat- Orecchioni (2006). Assim, após um breve recorte sobre as principais características do jornalismo e da linguagem jornalística, uma discussão acerca dos aspectos fundamentais da Análise da Conversação e algumas considerações acerca das diferenças entre língua falada e língua escrita, o presente trabalho identificou e analisou as marcas de oralidade presentes no telejornal buscando compreender como tais fenômenos são utilizados como estratégia de aproximação do telespectador. Como resultado, a análise nos permitiu constatar, no discurso dos apresentadores do telejornal, a presença acentuada de marcas de oralidade, que são evidenciadas pelo emprego de marcadores conversacionais interacionais, como “aí”, contrações de vocábulos e expressões e linguagem corporal.

**Palavras-chave:** telejornalismo, oralidade, conversação, jornalismo, telejornal.

## ABSTRACT

*The subject of this research paper is the marks of orality in broadcast news and its main objective is to investigate and analyze the orality marks in the TV news show “Bom Dia São Paulo”, from TV Globo, one of the most popular morning broadcast news show in the São Paulo state area. In order to achieve that, we make use of theoretical works and concepts that are related to Journalism, Broadcast Journalism, Journalistic language and TV news shows, such as the works of Dias (2008); Lage (2006); Gutmann (2014); Marcondes Filho (2000) and Charaudeau (2010), as well as theoretical postulates established by the Analysis of Conversation, specially the research developed by Marcuschi (1986, 1997, 2010) and Kerbrat- Orecchioni (2006). Therefore, after a concise reflection regarding the most essential aspects of journalism and journalistic language, a discussion concerning the fundamental points of the Analysis of Conversation and a brief examination of the differences between written and spoken language, this research has identified and analyzed the marks of orality in the broadcast news show seeking to comprehend how such phenomena is used as a strategy to attract and hold the audience. As a result, the analysis allowed us to confirm the presence of marks of orality in the anchors’ discourse, which are attested by the use of conversational markers, contractions and body language.*

**Keywords:** *TV news show, orality, conversation, broadcast journalism, journalism.*

## INTRODUÇÃO

Com a evolução dos meios de comunicação, o telejornalismo, hoje, é mais do que um simples canal para a transmissão de notícias e informações sobre os acontecimentos diários. Ele se caracteriza como um influente e relevante meio de comunicação, que opera como formador de opinião pública acerca dos mais diversos aspectos da vida em sociedade. É um dispositivo dinâmico e mutável que, em meio à balbúrdia informativa das diversas plataformas de informação, reflete os acontecimentos da realidade ou ao menos da superfície diária do mundo moderno.

Diante disso, nos dias atuais, o telejornalismo ocupa um lugar de destaque na vida dos brasileiros, sendo os telejornais a principal fonte de informação do cidadão, visto que é uma plataforma de comunicação de baixo custo, cômoda e de fácil acesso. Dessa forma, para garantir sua audiência em meio a um público heterógeno e disperso, os telejornais, de modo geral, vêm investindo em uma linguagem cada vez mais informal, com traços de coloquialidade marcantes, a fim de torná-la mais compreensível, objetiva e próxima do telespectador. Sendo assim, a linguagem que antes se apresentava mais formal e próxima da esfera da língua escrita padrão, molda-se à linguagem oral falada.

Assim, com base nessas observações, é possível observar, nesse meio de comunicação televisivo, o uso de expressões e termos de uso corrente no dia a dia da população, como marcadores conversacionais interacionais – *né, ah, eh, hein, então, bom* – formas de tratamento informais, como “*você*”, contrações e simplificações de vocábulos e expressões e até mesmo improvisações. O emprego de tais usos linguísticos no discurso do telejornal expõe não só as mudanças no modo de fazer e consumir informações, mas, também, a incessante batalha das mídias e dos canais de televisão para atrair e fidelizar um público cada vez mais exigente.

Tendo isso em vista e considerando o nosso interesse pessoal pelo jornalismo, telejornalismo e Análise da Conversação, para desenvolver este trabalho optamos por analisar trechos de textos orais do telejornal matutino *Bom Dia São Paulo*, da Rede Globo de televisão. O telejornal foi escolhido em função da grande popularidade que ele possui, sendo um dos telejornais matutinos mais assistidos no estado de São Paulo. Ademais, o

discurso adotado pelos apresentadores do *Bom Dia São Paulo* mostra um discurso cada vez mais oralizado e próximo da linguagem coloquial, o que permite uma análise mais apurada dos fenômenos da oralidade presentes no noticiário.

Sendo assim, a presente monografia de especialização tem por objetivo principal investigar a construção das marcas de oralidade no telejornal matutino *Bom Dia São Paulo*, da Rede Globo de televisão, de modo a identificar e analisar como elas se manifestam no discurso oral e demonstrar como podem ser utilizadas como estratégia de aproximação do telespectador. Diante disso, para embasar o trabalho, no primeiro capítulo, discutimos as principais características do jornalismo, da linguagem jornalística e do telejornalismo com base em estudiosos e teóricos da mídia escrita e televisiva. No segundo capítulo, discorremos sobre os aspectos fundamentais da Análise da Conversação de acordo com os postulados dos estudiosos Luiz Antônio Marcuschi e Catherine Kerbrat-Orecchioni. No terceiro capítulo, abordamos as diferenças e semelhanças entre a língua falada e a língua escrita e, no quarto e último capítulo, analisamos os trechos selecionados para a análise e apresentamos as conclusões.

Por fim, consideramos que esta pesquisa se faz relevante, principalmente pela escolha do tema – telejornalismo e oralidade – que, ainda, apresenta um número pequeno de pesquisas e publicações apesar da importância do tema. Além disso, acreditamos que este trabalho possa colaborar com os estudos já existentes relacionados à oralidade na mídia televisiva, com base nos textos orais da mídia televisiva popular. Em suma, analisa-se aqui um dos grandes temas das sociedades modernas, qual seja, os meios de comunicação e informação sociais.

## 1. JORNALISMO E TELEJORNALISMO

“O jornalismo é a síntese do espírito moderno: a razão (a “verdade”, a transparência) impondo-se diante da tradição obscurantista, o questionamento de todas as autoridades, a crítica da política e a confiança irrestrita no progresso, no aperfeiçoamento contínuo da espécie”. ( MARCONDES FILHO, 2000, p.9)

A fim analisar as marcas de oralidade no telejornalismo moderno faz-se necessário, primeiramente, investigar os principais aspectos que o compõem. Dessa forma, neste capítulo, a partir dos postulados de estudiosos da mídia escrita e televisiva, focalizamos as principais características que compõem o jornalismo, a linguagem jornalística, o telejornalismo e o telejornal.

### 1.1. JORNALISMO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Conforme postula o estudioso Ciro Marcondes Filho (2000), o jornalismo pode ser considerado o filho legítimo da Revolução Francesa, um vez que se difundiu a partir da luta pelos direitos humanos nesta revolução que simbolizou a destituição da aristocracia, do fim das monarquias e do sistema absolutista. Além disso, conforme o autor, o surgimento do jornalismo está também associado à desconstrução do poder designado a igreja e a universidade. Grosso modo, a expansão do saber começa a arruinar as bases religiosas, sendo o protestantismo uma das consequências de tal progresso, e a informação deixa de ser um direito exclusivo das elites que frequentavam as universidades e passa a circular de forma mais ou menos livre.

Diante disso, Marcondes Filho (2000), compreende a história do jornalismo em quatro fases: a primeira fase, que se deu entre 1789 até meados do século 19, diz respeito ao jornalismo da “iluminação”, ou seja, um jornalismo político-literário, com fins pedagógicos e de formação política; a segunda fase, que tem o jornal como grande empresa capitalista, surge a partir da inovação tecnológica nos processos de produção, consagrando, assim, o jornalismo de massa; a terceira fase, que predominou durante o século 20, refere-se ao jornalismo dos monopólios, isto é, um jornalismo que já não busca a verdade, é menos engajado em causas políticas e já não aposta em “uma

sociedade mais humana”; a quarta e última fase do jornalismo, que tem início na década de 70, é a da era tecnológica, isto é, o jornalismo televisivo e digital.

Como exposto, o jornalismo sofreu, ao longo dos anos, inúmeras modificações e transformações não apenas no seu formato, mas também, no seu papel social. Assim, sob um viés sociocultural, a estudiosa Juliana Freire Gutmann (2014, p.41-42) define o jornalismo atual como “uma arena que, ao integrar atores e espectadores do debate público, possuiria a missão de informar sobre fatos atuais do mundo que teriam impacto na vida do cidadão, contribuindo, assim, para o bom funcionamento da democracia”. Em outras palavras, como argumenta a autora, na sociedade moderna, marcada pela vida citadina e pelo sistema democrático de governo, o papel do jornalismo é tornar público os acontecimentos de interesse público, a partir de certos valores, tais como: objetividade, vigilância, revelação, instantaneidade, simultaneidade, novidade, ética, serviço público, verdade e relevância.

Nessa perspectiva, ainda segundo a autora, o jornalismo, como construto da cultura, deve produzir quadros interpretativos de interesse público que comportem a uma determinada coletividade reconhecer uma realidade partilhada, seja em relação à economia e à política, seja em relação à música, à moda, à gastronomia, à família, entre outros. Além disso, conforme argumenta Gutmann (2014, p. 63), o jornalismo não só produz narrativas sobre os fatos do mundo, mas também, constrói discursos de realidade sobre o mundo atual. Dito de outro modo, conforme explica a autora, o jornalismo produz a própria experiência social, visto que proporciona formas pelas quais os sujeitos sociais produzem sua vivência cotidiana do momento presente.

Outro aspecto relacionado à função sociocultural do jornalismo atual discutido por Gutmann (2014) diz respeito ao jornalismo como instituição comercial, ou seja, o modo de produção capitalista da informação. De acordo com a autora, o desenvolvimento dos meios de comunicação, o processo de industrialização e a consolidação dos mercados afetaram, de modo significativo, a produção jornalística. Nesse contexto, segundo Franciscato (2005), no processo de institucionalização do jornalismo, as organizações jornalísticas se tornam empreendimentos comerciais voltados para o atendimento de um mercado cada vez mais exigente e acelerado, profissionalizando-se, assegurando regularidade da oferta e estabelecendo hábitos de consumo e estratégias de

gerenciamento dos seus meios de produção no e do tempo real. (FRANCISCATO, 2005, *apud* GUTMANN, 2014, P.64)

A partir dessa perspectiva, pode-se afirmar que o jornalismo moderno atua como uma instituição com um duplo objetivo. Por um lado, conforme explica Wilson Gomes (2009, *apud* Gutmann 2014), como uma instituição da sociedade democrática, deve atuar em prol do interesse público, isto é, servir como provedora de informação sobre o estado atual das coisas, obedecendo a certas normas e valores. Por outro lado, o jornalismo como indústria deve gerar lucro, ou seja, servir e satisfazer a audiência, como consumidora. Dessa forma, segundo o autor, o serviço ao interesse público não pode ser mais visto como princípio único do jornalismo moderno, uma vez que apenas uma parte das informações oferecidas pelo jornal estaria voltada à orientação política do cidadão; a outra abrangeria todo tipo de consumo, que pode ir desde a resenha de um novo filme à criação de animais.

Em resumo, o jornalismo é uma atividade múltipla que funciona dentro de um contexto social, cultural e comercial. É um produto social e um fenômeno da cultura e, como tal, está sujeito as transformações e as mutações que permeiam a sociedade moderna, como as mudanças linguísticas, as leis do consumo rápido e a obsolescência. Sendo assim, a partir dessa breve discussão, pode-se afirmar que ele é dos meios pelos quais a sociedade pode aprender mais sobre o mundo que a cerca.

## 1.2. A LINGUAGEM JORNALÍSTICA

O texto jornalístico possui características específicas que o configuram como tal e o distinguem de outros gêneros textuais. É diferente, por exemplo, do texto literário que apresenta um estilo mais rebuscado e erudito. Conforme argumenta o estudioso da mídia escrita Nilson Lage (2006), na literatura a forma é compreendida como portadora, em si, de informação estética, em jornalismo a ênfase dirige-se para os conteúdos, ou seja, para o que é informado. Além disso, segundo explica o autor, por se tratar de um veículo de comunicação que processa informação em escala industrial e para consumo imediato, as variáveis formais devem ser reduzidas de forma mais extrema do que na literatura.

Sob uma ótica similar, a estudiosa Ana Rosa Ferreira Dias (2008, p.42) argumenta que, em tese, o texto do jornal deveria ser fiel à norma culta e, portanto, a linguagem

jornalística poderia ser colocada em um espaço entre a linguagem literária e a falada. Entretanto, conforme defende a autora, a linguagem jornalística contemporânea pode ser caracterizada como uma espécie de “língua veicular”. Língua essa que implica uma postura jornalística preocupada com a comunicação em todos os níveis socioculturais. Dito de outro modo, como acentua a autora, os extremismos, purismos e vulgarismos, não fazem parte dessa língua veicular, ficando restritos a textos assinados.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Lage (2006) salienta que, no texto jornalístico, as informações tendem a ser conceituais e objetivas. Sendo assim, o uso de fórmulas *congeladas*, isto é, usos linguísticos pobres de valores referencias, como as frases prontas utilizadas em cartas comerciais e requerimentos, devem ser excluídos. Grosso modo, tais fórmulas congeladas não dão conta da diversidade de situações características do mundo objetivo e, além disso, por envelhecerem de forma rápida tendem a se diferenciar da língua corrente. Por tal motivo, segundo pontua o autor, “o texto jornalístico precisa ser submetido constantemente à crítica, que remove o entulho e repõe vida nas palavras”. (LAGE, 2006, p.47)

Partindo desse pressuposto, o autor relaciona algumas restrições que se aplicam à linguagem jornalística, quais sejam: os registros de linguagem; o processo de comunicação e os compromissos ideológicos. Em relação aos registros de linguagem, Lage (2006) defende que a língua nacional é heterogênea, uma vez que compreende usos regionais, discursos especializados e, pelo menos, dois registros de linguagem: o *formal*, referente à modalidade escrita e às situações tensas e o *coloquial*, referentes às expressões correntes na modalidade falada, na conversa familiar, na conversa entre amigos, entre outros.

Ainda segundo o autor, a linguagem formal é mais estável e busca conservar os usos linguísticos do passado. A linguagem coloquial, por sua vez, é espontânea, maternal e reflete a realidade comunitária, regional e imediata. Ademais, alguns de seus acometimentos não são duradouros, ao passo que outros se tornam usos formais, incorporando-se à literatura e à escola. Assim, conforme elucida o autor, do ponto de vista comunicacional, o registro coloquial seria sempre preferível, visto que é mais acessível e eficiente, permitindo rápida fruição e maior expressividade. Entretanto, como afirma o autor, o registro formal é uma determinação imposta pelo sistema. Em outras palavras, existe uma pressão social que a valoriza e qualifica de erro todo desvio.

Nesse sentido, Lage (2006) argumenta que a linguagem jornalística é o resultado da conciliação entre o interesse de uma comunicação eficiente e o sociavelmente aceitável. Por outra perspectiva, a linguagem jornalística é essencialmente constituída de palavras, expressões e regras combinatórias que são possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal. O autor salienta ainda que tal conceituação pode ser posta em prática em qualquer época ou região, o que permite a adaptação da linguagem às transformações próprias da língua.

Tendo isso em vista, Lage (2006, p. 51) discorre acerca dos aspectos linguísticos incorporados pela linguagem jornalística. Segundo o autor, a linguagem jornalística atual apresenta as seguintes características: a) o uso de neologismos de origem coloquial, sintéticos, por exemplo, *fusca/frescão*, ou de grande expressividade, como *dedo-duro/pau-arara*; b) designações de objetos novos, de origem científica ou popular, como *lêiser/videoteipe/celular*; c) metáforas com intenção crítica, como *mordomia/mensalão*; d) atualizações necessárias, *roqueiro/petista*; e) denominações técnicas que precisem ser consideradas em sua correta significação para o entendimento ou eficácia do texto.

No que diz respeito à comunicação jornalística, Lage (2006) acentua que ela é, por definição, referencial, ou seja, fala de algo no mundo que é exterior ao emissor, ao receptor e ao próprio processo de comunicação. Dessa forma, o uso da terceira pessoa é quase obrigatório, sendo poucas as exceções: reportagens-testemunho, algumas crônicas, textos intimistas destinados a certos grupos. Conforme o autor, o uso de enunciados referenciais permite ainda distinguir a linguagem jornalística da linguagem didática. Assim, diferente dos textos didáticos em que a metalinguagem é predominante, o texto jornalístico é capaz de transmitir ao leitor transformações, deslocamentos ou enunciações de conjuntos complexos de fatos. Ainda segundo o autor, o uso de tal comunicação contribui para o efeito de realidade, ou seja, para a verossimilhança do relato.

Em relação aos compromissos ideológicos, Lage (2006), por um lado, defende que não se faz jornalismo fora da sociedade e do tempo histórico. Em outras palavras, as questões da ideologia, sejam elas grandes ou pequenas, estão presentes na linguagem jornalística. Por outro lado, o autor acentua que o importante, nesse campo, é que as posições sejam tomadas de forma consciente, particularmente, quando envolvem as implicações das escolhas em séries como: *soldado/guerrilheiro/terrorista*; *governante/líder/ditador*, entre outras. Dito de outro modo, a informação é um acontecimento

histórico que faz parte de uma narrativa e, portanto, os eventos políticos, econômicos ou artísticos interligam-se e cada novo evento transforma o quadro de situação, fazendo prever desdobramentos. Sendo assim, conforme explica Lage (2006, p.55), “a melhor expressão é a que o redator domina, não a que impõem valores que por ele apenas transitam”.

Nessa perspectiva, segundo acentua Dias (2008), a linguagem jornalística é composta por diversas outras linguagens – linguagem verbal escrita, a linguagem fotográfica, a linguagem gráfica, a linguagem diagramática – que funcionam de modo simultâneo. Por tal motivo, conforme explica a autora, é complicado fazer um painel amplo da linguagem jornalística atual. Assim, no que diz respeito à linguagem jornalística verbal, a qual se situa a nossa pesquisa, por um lado, pode-se concluir que, de modo geral, os grandes jornais optam por utilizar uma linguagem formal e culta, editando, até mesmo, manuais de redação para os seus redatores, como o Estado de São Paulo, por exemplo. Por outro lado, há outros jornais que, em uma tentativa de aproximar-se com o leitor das classes mais modestas da população, optam por uma linguagem coloquial, popular, por exemplo, os jornais populares.

### 1.3. TELEJORNAL, TELEJORNALISMO E LINGUAGEM TELEVISIVA

A televisão é um dos meios de comunicação atuais mais importantes da sociedade moderna e, segundo as estudiosas da mídia televisiva Luciana Bistane e Luciane Bacellar (2006, p.9), “é a principal fonte de informação e diversão de uma parte significativa dos brasileiros”. Nesse contexto, o telejornal, que produz notícias e informações que podem chegar a milhares de pessoas, tem um lugar de destaque no mundo televisivo, tendo, portanto, um grande impacto na vida do cidadão brasileiro.

Sob um viés histórico, Lage (2006, p.30) acentua que a televisão advém do rádio, o que explica a forte influência desse meio na linguagem e no formato televisivo. Segundo o autor, os primeiros noticiários eram lidos diante das câmeras, porém logo se verificou que o fator analógico da mensagem radiofônica recebia uma nova dimensão com a presença da imagem e do locutor ou apresentador.

Por outra perspectiva, Marcondes Filho (2000) sustenta que o telejornalismo foi, em sua fase inicial, uma variante do jornalismo impresso. De acordo com esse autor, tratava-se de uma espécie de leitura televisionada da imprensa e, como no cinema, o apresentador não passava de um narrador, uma voz de fundo, que ilustrava as imagens. É a partir dos anos 60 que surge uma linguagem própria da TV, advinda do desenvolvimento técnico – reportagens, videoteipes, criação de vinhetas, do cenário específico – o que transforma a simples leitura de notícias em entretenimento.

A esse respeito, Gutmann (2014, p.21) sustenta que, com o tempo, o telejornal estabeleceu gramática própria e se consolidou como um dos produtos de maior prestígio da televisão brasileira. Assim, conforme argumenta a autora,

os modos de apropriação da transmissão direta, da fotografia, das potencialidades sonoras e gráficas do audiovisual, do uso do corpo como dispositivo expressivo, das possibilidades interventivas do processo de edição, etc. constituíram específicas práticas discursivas, determinados modos de percepção social que respondem pelas formas materiais simbólicas e culturais do que hoje reconhecemos enquanto telejornal (GUTMANN 2014, p.21)

Nessa perspectiva, de acordo com Gutmann (2014), o telejornalismo brasileiro não se inicia como hoje o entendemos, mas é construído culturalmente. Nesse sentido, o modo de fazer telejornalismo atual é resultado dos avanços tecnológicos idealizado e apropriado em determinados contextos políticos, econômicos e sociais. Dessa maneira, tendo como base a postulação de Raymond Willians (1969, *apud* Gutmann, 2014), o jornalismo, bem como o telejornalismo, está intimamente atrelado à cultura e está sempre em construção.

Tendo isso em vista, a partir dos estudos de Klaus Bruhn Jensen (1986), Gutmann (2014) defende que os valores discursivos do jornalismo são materializados na TV, por dois mecanismos específicos, quais sejam, a imagem e o apresentador. Segundo a autora, os referenciais representativos de produção e reconhecimento da notícia – sua origem, que está ligada ao caráter do fato; o canal pelo qual é transmitida, que deve proporcionar a instantaneidade da divulgação; e a expectativa da audiência, que está relacionada ao caráter de interesse do público e à relevância do fato – são atualizados, na televisão, a partir do componente da imagem, que é utilizada como uma forma de prova visual do que

é dito, e a postura do apresentador, que é o meio de contato com a audiência e de articulação entre a diversas histórias transmitidas em telejornal.

Tendo ainda como premissa os estudos de Jensen (1986), Gutmann (2014) assinala três dimensões materiais características da televisão e do telejornalismo, a saber: transmissão direta, performance dos sujeitos da fala e elementos de composição audiovisual. Em relação à transmissão direta, a autora salienta que, no contexto acadêmico, dentre os elementos expressivos característicos da TV no que diz respeito à marca de experiência televisiva, a transmissão direta é o mais discutido.

Sendo assim, segundo Gutmann (2014, p.72), tal dispositivo tecnológico, compartilhado com o rádio e a internet, pode ser definido pelo seu sincronismo comunicativo, ou seja, pela capacidade de introduzir emissão e recepção em um intervalo de tempo comum, o que inclui, em uma mesma duração de transmissão, a enunciação dos programas e o consumo televisivo da audiência. Ainda segundo a estudiosa, a transmissão direta é uma das responsáveis pela autenticidade dos relatos noticiosos veiculados pelo telejornal.

Nessa perspectiva, a transmissão em tempo presente, isto é, a transmissão ao vivo, cuja introdução caracterizou o início da TV, foi a grande novidade do meio das experiências audiovisuais e, conforme argumenta a autora, até hoje, embora parte da programação ainda seja gravada previamente, é tema fundamental das reflexões acerca das especificidades televisivas. Dessa forma, Gutmann (2014) sustenta ainda que a programação televisiva, mesmo a composta por material gravado previamente, incorpora traços da transmissão ao vivo, adquirindo, assim, *status* de tempo presente.

Outro aspecto discutido pela autora, no que diz respeito à transmissão direta no telejornal, refere-se aos efeitos de tempo presente que estão na própria performance da transmissão, através da qual a função do jornalista não é unicamente a de apresentação da notícia, mas, também, de presentificação. Em outras palavras, a configuração de momento presente permitida pela transmissão direta se articula a uma dimensão maior e complexa de temporalidade que tem como base os regimes de presença. Nesse sentido, tais regimes de presença são ajustados pelas performances dos sujeitos de fala dos programas, que convocam a união e atuação do espectador, sujeito interlocutor do

discurso. Em síntese, a experiência espaço-temporal moldada durante a enunciação é resultado não apenas do sentido de tempo presente, mas do de copresença, que precisa de atos conversacionais construídos entre os sujeitos enunciador e enunciatário<sup>1</sup> durante a apresentação dos programas.

No que diz respeito à performance dos sujeitos empíricos – apresentadores, repórteres, correspondentes, comentaristas e fontes – Gutmann (2014, p. 75) salienta que, junto à transmissão direta, ela é uma dimensão essencial para a produção de sentido do telejornal. Sendo assim, as notícias, no âmbito do telejornalismo, chegam a nós por meio de sujeitos da fala que fazem uso de seus corpos como uma espécie de dispositivo expressivo. Nesse contexto, a oralidade, o gestual, a entonação da fala, o figurino, o cenário, a forma como a imagem de tais sujeito é enquadrada na tela conformam atos performativos fundamentais para a interação com o espectador e, também, para o reconhecimento dos programas como “jornalísticos” e dos relatos como “notícias.

Nesse sentido, de acordo com a autora, as performances atuam, no telejornalismo, para dar corpo, isto é, para materializar os sentidos. Tais performances possuem um efeito de mediação, ou seja, o acesso aos eventos construídos pelos programas só é possível por meio dessa camada de mediação, conformadas pela voz, pelo gesto, pelos posicionamentos da câmera e pelo olhar. Por tal motivo, a ênfase em uma oralidade centralizada, herança do modelo radiofônico, vem sendo substituída pelo uso de diversos sujeitos mediadores e protagonistas dos fatos narrados.

Nessa perspectiva, a construção de vozes do telejornal é representada por diversas figurativizações, tais como mediadores, apresentadores, repórteres, comentaristas e fontes de informação, que materializam o discurso do telejornal. Dentre elas, a figura de apresentador tem um papel de destaque, haja vista que a enunciação do telejornal é conduzida por essa figura central, da qual a representação, muitas vezes, confunde-se com a própria imagem do programa. Por essa razão, a credibilidade de um telejornal costuma ser relacionada à autoridade e à legitimidade do apresentador, que se comporta como um porta-voz do programa. Dito de outro modo, o apresentador é uma das principais marcas

---

<sup>1</sup> As denominações enunciador e enunciatário fazem referência aos sujeitos comunicativos. Tais denominações fazem parte do campo da Teoria da Enunciação, que não será discutida nesta pesquisa.

de reconhecimento dos formatos jornalísticos na televisão, uma vez que simboliza a face do programa e é responsável por estabelecer relações entre o telespectador e os outros mediadores.

A terceira e última dimensão característica da televisão e do telejornalismo assinalada por Gutmann (2014) diz respeito aos elementos de composição audiovisual. De acordo com a estudiosa, as diversas vozes que compreendem a base enunciativa do telejornal se unem a uma multiplicidade de imagens, dos próprios falantes, do que falam, do cenário de onde falam, de intervenções gráficas etc., e sons, os ruídos na narração verbal e a música. Sendo assim, como forma audiovisual, o texto televisivo é arquitetado a partir de articulações entre diferentes níveis expressivos de ordem sonora e visual.

Nesse sentido, sob um viés material, o noticiário televisivo é regulado pela linguagem audiovisual, característica que o distingue em relação a outros produtos informativos. Ainda segundo a autora, no telejornal, a presença da imagem, do som e da articulação entre ambos funciona como dispositivos configuradores de uma determinada realidade que é compreensível pela vista e pelo ouvido por meio de dispositivos técnicos de captura e montagem.

Gutmann (2014) sustenta ainda que as formas visuais da televisão recebem, portanto, elementos interventivos, que possuem intenções de cunho referencial ou contemplativo. Assim, a disposição desses elementos no processo comunicativo podem permitir efeitos de realce de uma informação, de hierarquização, de demarcação temporal e espacial, de identificação com o interlocutor, efeitos que são propostos por meio do agenciamento de formas expressivas no processo de montagem do material capturado.

Grosso modo, conforme explica a autora, é no processo de montagem que se constrói sentido para os vários fragmentos que compõem uma reportagem televisiva. Em outras palavras, as imagens em movimento se combinam ao som e intervenções sonoras e visuais através de suas disposições em uma dada sequência que vai certificar a unidade para o relato. É nessa articulação de diversos níveis expressivos, realizados pela montagem, que está a potencialidade expressiva de uma narrativa audiovisual, visto que é neste momento que são ajustados os elementos da linguagem audiovisual por completo

– o encadeamento de som e imagem – que, no telejornal, propõem-se à criação de narrativas inteligíveis do que é noticiado.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, o estudioso Patrick Charaudeau (2010, p.109) ao discutir a mídia televisiva, argumenta que “a televisão é imagem e fala, fala e imagem”. Ainda segundo esse autor, imagem e fala se articulam, na televisão, de tal modo que é quase impossível dizer de qual das duas depende a estruturação do sentido. Dessa forma, em alguns tipos de mensagens, como a do telejornal, é da interdependência entre fala e imagem que nasce a significação. Logo, a imagem televisionada tem uma procedência enunciativa múltipla, que tem por finalidade construir um discurso que é ao mesmo tempo referencial e ficcional.

Charaudeau (2010, p.110) sustenta ainda que a imagem, no telejornalismo, é capaz de produzir três tipos de efeitos: um efeito de *realidade*, quando se supõe que ela reporta o que surge no mundo; um efeito de *ficção*, quando pretende representar de maneira analógica um acontecimento que já passou, ou seja, uma reconstituição e um efeito de *verdade*, quando transforma visível o que não era a olho nu, o que é feito por meio de mapas, gráficos e macro e micro tomadas de imagem em *close-up*.

Tendo isso em vista, ao tratar das características do telejornal, Charaudeau (2010) chama atenção ainda para caráter heterogêneo do noticiário televisivo. Segundo ele, o telejornal é o gênero que comporta o maior número de formas televisuais, tais como: anúncios, reportagens, resultados de pesquisas e de investigações, entrevistas, minidebates, análises de especialista, entre outros. Nesse sentido, para o autor, a especificidade do telejornal, em comparação com outros gêneros, atribui-se a dois aspectos predominantes da encenação discursiva, quais sejam, o propósito e a identidade dos parceiros e de suas relações.

Em relação ao propósito, Charaudeau (2010) sustenta que esse aspecto é marcado pela atualidade e é direcionado aos acontecimentos do dia que são notícia, expostos numa espécie de menu do que será exibido. Nesse sentido, espera-se do telejornal um recorte dos fatos que ocorrem no mundo em pequenos fragmentos, recorte que indicaria o que sucedeu no espaço público, durante uma unidade de tempo, ou seja, o cotidiano, a qual seria igual para todos os telespectadores. Grosso modo, o telejornal, conforme argumenta

o autor, provém de uma fragmentação temática, que tem por objetivo representar a fragmentação do cotidiano do espaço público, mas que, na verdade, é uma fragmentação convencional do mundo midiático. Em outras palavras, é uma racionalização, estabelecida como um pensamento único do que são os acontecimentos do mundo.

No que diz respeito à identidade dos parceiros, o estudioso argumenta que ela é definida pelo conjunto da encenação do telejornal, cujo papel central é exercido pelo apresentador. Dessa maneira, o apresentador, por meio do uso de modos discursivos variados, constitui a base da encenação do telejornal, desempenhando, assim, uma dupla função de interface, por um lado entre o mundo referencial e o telespectador, por outro entre o estúdio – concretização do mundo midiático – e o telespectador, sendo que tais funções são desempenhadas de modo quase simultâneo.

Diante disso, segundo acentua o autor, o contato entre o estúdio e o telespectador se institui desde a abertura do jornal, por saudações do apresentador que se encontra em seu lugar de exercício profissional, em posição frontal, e anuncia o sumário. Além disso, o apresentador, durante todo o desenvolvimento do jornal, constituirá uma imagem de enunciador personalizado – um eu – que se manifesta como se estivesse falando diretamente a cada sujeito da coletividade dos telespectadores: às vezes incluindo suas próprias emoções sobre os acontecimentos dramáticos do mundo, ou seja, enunciação elocutiva e, às vezes, pedindo sua atenção ou interesse, e mesmo interrogando-o, isto é, enunciação alocutiva. Conforme pontua Charaudeau (2010), todas essas interações acontecem com o auxílio de movimentos do rosto, mesmo os mais modestos, de determinados tons de voz e da escolha de certas palavras.

No que concerne à relação entre o mundo referencial e o telespectador, o estudioso pontua que ela é certificada pelo mesmo apresentador, que se faz transparente e arquiteta, de si mesmo, uma imagem de enunciador impessoal. Contudo, isso não o torna anônimo, visto que ele sustenta o domínio da gestão midiática do processo de construção do acontecimento. Por outra perspectiva, o apresentador atribui a si o papel de polo organizador desse processo, uma vez que desempenha diversas funções, tais como: função de guia, que anuncia e exhibe, indicando como abordar a notícia; função de organizador das transmissões, que passa a palavra para os correspondentes ou enviados especiais; função de organizador das transmissões, que retoma cada fala para um

comentário ou uma conclusão; função de orientador, que redistribui o turno de fala a especialistas presentes no estúdio; função de moderador, que entrevista personalidades de diversas áreas e função de delegado, pois, ao interrogar os atores do espaço público demonstra as preocupações de um cidadão engajado.

Sendo assim, de acordo com Charaudeau (2010, p.230), através dessas características é possível perceber que o gênero telejornal, sob a proposta de nos apresentar os acontecimentos que ocorrem no mundo referencial, apenas nos oferece, já pronto, um mundo *evenemencial*<sup>2</sup> arquitetado por ele mesmo e em frações. De modo igual, conforme pontua o estudioso, sob a proposta de nos permitir melhor compreender os fenômenos, recorrendo aos comentaristas, apenas nos fornece explicações pontuais e fragmentadas. Em outros termos, segundo postula o autor, “encontramo-nos, então, em plena ilusão de realismo e em pleno simulacro de verdade, mas é através desse “fazer crer” que o telejornal se define”.

#### 1.4. MUDAR PARA PERMANECER: PARADIGMAS DO TELEJORNAL

Como já explicitado, ao longo da história, o jornalismo, o telejornalismo e a comunicação vêm passando por diversas mudanças de ordem tecnológica. Segundo Marcondes Filho (2000), tal fenômeno é, em grande parte, influenciado pela indústria da publicidade, que acaba por se confundir com a própria lógica da TV como um todo. Partindo desse pressuposto, o estudioso José Salomão Amorim (2012) observa que, atualmente, os grandes jornais, e por extensão os telejornais, têm investido de forma significativa em técnicas de telemarketing, na administração, na área industrial e na redação. Além disso, conforme pontua esse autor, esses meios de comunicação estão dedicando-se cada vez mais para conhecer e atender melhor sua audiência, por meio de pesquisas, novos conteúdos e abertura de canais de participação.

Assim, em busca de uma aproximação com a audiência, os jornais e os telejornais mudaram o foco de cobertura para assuntos de maior impacto e importância na vida das pessoas. De acordo com Amorim (2012), em um esforço de aproximar-se do leitor/telespectador, o jornal passou a se pautar pela prática do jornalismo cívico ou

---

<sup>2</sup> A palavra *evenemencial* utilizada por Patrick Charaudeau (2010) é uma palavra de origem francesa e não possui tradução literal para o português, podemos lê-la como *acontecimental*.

cidadão que, segundo o autor, foi um movimento de renovação no jornalismo, iniciado nos Estados Unidos e organizado a partir dos seguintes conceitos: cobertura de assuntos próximos do dia a dia e do entorno imediato dos cidadãos; a sinalização de problemas e a busca de possíveis soluções para eles e a participação do leitor.

No que diz respeito à apresentação do telejornal, Marcondes Filho (2000) sustenta que, hoje, a produção dos telejornais, uniformizada em quase todo mundo, revela alguns paradigmas próprios desse gênero, quais sejam: o modelo esportivo de noticiário; a lógica da velocidade; a preferência pelo ao vivo; a substituição da verdade pela emoção; a popularização e o expurgo da reflexão. Em relação ao modelo esportivo de noticiário, o autor explica que as notícias são apresentadas da mesma forma que um jogo de futebol, ou seja, as cenas são veiculadas com uma intervenção mínima do narrador.

No que concerne à lógica da velocidade, Marcondes Filho (2000) acentua que ela pode se referir tanto à rapidez com que cada emissora veicula um acontecimento ao público quanto ao ritmo de apresentação das notícias. A rapidez na veiculação dos fatos está relacionada, principalmente, à relevância da notícia, isto é, se é interessante a um grande número de pessoas se causa impacto ou afeta a vida dos cidadãos e, também, à ânsia de divulgar uma informação antes da concorrência. Com relação ao ritmo, o autor argumenta que as notícias na TV passam em processo rápido, ou seja, a troca rápida de planos – como na publicidade – gera um efeito de aceleração, que não é captável de imediato, mas demanda, inconscientemente, a fixação em minicenas, em minirelatos, arquetizando narrativas rápidas e em tempo recorde.

A preferência pelo ao vivo, por sua vez, reflete a ilusão de pureza plena de uma transmissão. Para Marcondes Filho (2000), a primazia pela transmissão ao vivo estaria relacionada ao desejo de se criar uma narrativa mais emocional, mais vivencial e espontânea, em que os fatos falam por si mesmos.

Com relação à substituição da verdade pela emoção, o autor salienta que o telejornal tem o dever de provocar emoções e sensibilizar o telespectador. Em outras palavras, as cenas filmadas precisam transmitir a angústia, a desolação, a tristeza, mas também imagens de trabalho, solidariedade e luta. Sendo assim, o noticiário é construído por meio de imagens significativas, que atraem e prendem o telespectador, seja pelo

entusiasmo ou pela preocupação que suscitam, seja pela esperança que trazem. Nessa perspectiva, conforme sustenta o autor, a televisão analisa os acontecimentos cotidianos sob uma perspectiva estética e os traduz em sua linguagem, ou seja, o real tem de ser adaptado aos modelos da ficção para ser “telejornalizável”.

Sobre essa questão, Bistane e Barcellar (2006) argumentam que o telejornalismo disputa a atenção dos telespectadores que, por sua vez, buscam diversão nas programações. Dessa forma, segundo as autoras, o público tem preferência por receber as informações de maneira interativa e interessante, comportamento que também se aplica para os jornais e revistas. Nesse contexto, os noticiários buscam capturar o público pela emoção. Tal preocupação, conforme elucidam as autoras, existe desde os primórdios, quando o jornalismo ainda possuía características literárias.

Ao tratar do procedimento de popularização, Marcondes Filho (2000) explica que tal artifício é típico da mídia televisiva. Segundo ele, na TV, tem-se a premissa de que nada pode ser complexo, complicado ou de difícil compreensão do telespectador. Dessa maneira, a TV extingue qualquer pensamento complexo. Em outros termos, conforme explica o autor, a TV faz uso de unidades simples e compreensíveis, uma vez que não pode contar com a memória do telespectador, com conhecimentos anteriores e informações armazenadas, fragmenta e dilui as dificuldades.

A última característica do telejornalismo contemporâneo assinalada por Marcondes Filho (2000) diz respeito ao expurgo da reflexão. Para o autor tal transformação no modo de fazer telejornalismo revela o caráter instantâneo da modernidade, visto que o conteúdo não é o que interessa, mas sim, a vivência. Dito de outro modo, conforme pontua o autor, a missão do telejornalismo é transmitir informações dos acontecimentos diários de forma interessante e atraente aos olhos do telespectador, ou seja, a audiência deve ser mantida a todo custo. Nesse contexto, cabe ao telejornal produzir notícias que causem um impacto vivencial, pois, além de buscar informações acerca dos acontecimentos, os indivíduos buscam emoção e entretenimento. Nesse sentido, o que é noticiado no telejornal nem sempre suscita reflexões sobre o mundo real.

A partir do que foi exposto, verifica-se uma grande e profunda mutação nos processos de construção e apresentação do telejornal, evidenciando que o telejornalismo, bem como a linguagem telejornalística, está em permanente mudança. Tais mudanças, conforme discutido ao longo do capítulo, devem-se, principalmente, às transformações tecnológicas, que modificaram não só o modo como os acontecimentos são noticiados, mas também a performance e enunciação dos sujeitos da fala – apresentadores, repórteres, correspondentes, comentaristas e fontes – que, hoje, exercem não só o papel de mediadores, mas, também, de operadores do próprio acontecimento.

Em suma, pode-se afirmar, com tranquilidade, que o telejornalismo busca se adaptar às necessidades de seus usuários a partir de diversas estratégias, que vão desde à aproximação do telespectador, ao uso de uma linguagem de fácil compreensão, ao uso de tecnologias de imagem e som, entre outros. Por fim, apesar das inúmeras mudanças no formato e na apresentação dos fatos, o telejornalismo ainda é uma das principais fontes de informação e entretenimento das sociedades modernas.

## 2. ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO

No capítulo anterior discorremos sobre as particularidades do jornalismo e do telejornalismo contemporâneo, cujas características expuseram que o formato, bem como a linguagem empregada nesse meio de comunicação adquiriu novos traços e influências ao longo dos anos, especialmente no que diz respeito à língua. Diante disso, para compreender e analisar tais transformações na linguagem telejornalística atual, faz-se necessário tratar, sob um viés teórico, como se dá a organização da interação verbal, que é utilizada no telejornal. Para isso, recorreremos aos estudos da área da Análise da Conversação. Sendo assim, o presente capítulo tem por objetivo apresentar e discutir os principais aspectos da Análise da Conversação, a partir dos postulados de Catherine Kerbrat-Orecchioni e Luiz Antônio Marcuschi.

### 2.1. UM BREVE HISTÓRICO

Segundo o linguista Luiz Antônio Marcuschi (2003, p.14), “a conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos”, sendo, portanto, “o gênero básico da interação humana”. Em outras palavras, a conversação é uma das práticas sociais mais elementares no cotidiano do ser humano. É por meio dela que se constrói a identidade social dos indivíduos no contexto real, exigindo uma enorme organização das ações que ultrapassam a simples habilidade linguística dos falantes.

Entretanto, as manifestações orais nem sempre tiveram um papel significativo nos estudos linguísticos. Conforme pontua a estudiosa Catherine Kerbrat-Orecchioni (2006, p.16), apesar da existência de estudos sobre a interação oral, é somente no início da década de 70 que as conversações e outras formas de interações verbais tornaram-se objeto de uma investigação sistemática. Antes disso, os estudos sobre conversação eram puramente normativos, isto é, pretendiam, sob um viés ético e estético, impor as regras da “arte do bem conversar”.

De acordo com Marcuschi (2003), as pesquisas focadas em Análise da Conversação (AC) iniciaram-se na década de 60 sob a ótica da Etnometodologia e da Antropologia Cognitiva. Contudo, até meados dos anos 70, tais pesquisas tinham como

foco questões sociais, principalmente, a descrição das estruturas da conversação e seus mecanismos organizadores. Ainda segundo o autor, os princípios básicos que as norteavam partiam do pressuposto de que todos os aspectos da ação e interação social poderiam ser examinados em termos de organização estrutural convencionalizada ou institucionalizada.

Atualmente, segundo explica Marcuschi (2003), tende-se a observar outros aspectos envolvidos na atividade conversacional. Assim, conforme J.J. Gumperz (1982, *apud* Marcuschi 2003), a Análise da Conversação deve preocupar-se especialmente com a especificação dos conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais que devem ser compartilhados para que a interação seja eficaz. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Kerbrat-Orecchioni (2006) ressalta que, hoje, os estudos sobre interação são puramente descritivos, ou seja, trata-se de ver, da forma mais objetiva possível, como as conversações são produzidas. Em outros termos, passa-se a analisar não só a estrutura organizacional da conversação, mas, também, os processos cooperativos que a constituem.

Dessa maneira, para Marcuschi (2003, p. 7), a Análise da Conversação tem como objetivo tentar responder questões essenciais acerca dos fenômenos que constituem a atividade conversacional, tais como:

como é que as pessoas se entendem ao conversar?  
Como sabem que estão se entendendo? Como sabem  
que estão agindo coordenada e cooperativamente?  
Como usam seus conhecimentos linguísticos e outros  
para criar condições adequadas à compreensão  
mútua? Como criam, desenvolvem e resolvem  
conflitos interacionais? (MARCUSCHI, 2003, p.7)

Já na visão de Kerbrat –Orecchioni (2006), a Análise da Conversação tem como finalidade “depreender as regras e princípios que embasam o funcionamento das conversações e, mais geralmente, de todos os tipos de trocas comunicativas que se observam na vida cotidiana”. (KERBRAT – ORECCHIONI, 2006, p. 103)

Contudo, a Análise da Conversação difere da Análise do Discurso e da Pragmática Filosófica (cf. Levinson, 1983, *apud* Marcuschi, 2003), especialmente pela sua vocação empirista e, também, em parte, pela motivação histórica que a sustenta, de origem etnometodológica, etnográfica e sociológica. Fundada por Garfinkel no início dos anos 60, a etnometodologia é ligada à Sociologia da Comunicação e à Antropologia

Cognitiva e tem como objeto de estudo as ações humanas diárias nas mais diversas culturas. Investiga o modo como as pessoas se apropriam do conhecimento social e das ações, ou seja, a forma metódica de como os membros de uma sociedade aplicam os conhecimentos socioculturais. Dito de outro modo, a Análise da Conversação instituiu desde o início sua preocupação com a vinculação situacional e o caráter pragmático da conversação e de toda a atividade linguística cotidiana.

## 2.2. A NOÇÃO DE CONVERSAÇÃO

Na visão de Kerbrat– Orecchioni (2006), o exercício da fala implica uma alocação, ou seja, a existência de um destinatário fisicamente distinto do falante; implica, também, uma interlocução, isto é, um diálogo, em que os papéis de emissor e receptor se intercalam de forma permanente; e, por último, implica ainda uma interação, as influências mútuas que os falantes exercem uns sobre os outros. Além disso, segundo acentua a autora, para que uma conversação seja eficaz é necessário, também, que ambos os falantes estejam engajados na troca e que deem sinais de tal engajamento. Em outras palavras, os falantes devem recorrer a diversos procedimentos de validação interlocutória, como cumprimentos, apresentações e outros rituais confirmativos.

Diante disso, para apontar que está interagindo com alguém, o emissor se vale de alguns procedimentos, como a orientação do corpo, a direção do olhar ou a produção de formas de tratamento, tais procedimentos são caracterizados como atividades fáticas. De igual forma, o receptor deve produzir sinais confirmativos para comprovar que está, de fato, participando da troca comunicativa. Tais reguladores podem ser não verbais, como o olhar e o meneio da cabeça, e verbais, como “sim”, “certo” ou retomadas na forma de eco. Esses sinais ou sincronização interacional coordenam, ajustam e harmonizam o funcionamento das interações conversacionais.

Nesse sentido, segundo enfatiza Kerbrat- Orecchioni (2006), a conversação pode ser caracterizada como uma negociação constante, por vezes explícita, mas, de forma mais frequente, implícita, entre os falantes. Dito de outro modo, “na interação face a face, o discurso é inteiramente ‘coproduzido’, é o produto de um ‘trabalho colaborativo’ incessante”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 11)

Ainda segundo a autora, os meios pelos quais os membros de uma sociedade podem interagir são múltiplos, e nem sempre de natureza linguística. Assim, as interações podem ser tanto verbais, que se realizam por meio meios verbais, quanto não verbais, circulação, dança, esportes coletivos, entre outros. Entretanto, alguns tipos de trocas comunicativas são mistas, uma vez que, nelas, é possível ver a combinação de ações verbais e não verbais, igualmente indispensáveis ao desenvolvimento da interação, como a consulta médica, cujo contexto se dá em diferentes fases, tais como a anamnese, o exame, o diagnóstico e a prescrição.

Sendo assim, as interações verbais podem ser divididas em diferentes tipos, tais como: as conversações familiares, as conversas de todos os gêneros, as entrevistas, os debates, as transações comerciais, as trocas didáticas, os encontros científicos, as reuniões de trabalho, as sessões de tribunais, as conferências diplomáticas, etc. Dessa forma, conforme argumenta Kerbrat-Orecchioni (2006), a primeira tarefa da Análise da Conversação é tentar fazer um levantamento das diferentes interações e de suas tipologias, por meio dos seguintes critérios: quadro espaço-temporal; natureza e número dos participantes, objetivo da interação e, por último, grau de formalidade e estilo.

Nessa perspectiva, a conversação tem como característica a exigência de um número relativamente restrito de participantes, cujos papéis não estão assegurados, que usufruem, em teoria, dos mesmos direitos e deveres e que não têm outro objetivo explícito que não seja o prazer da conversação. Ainda segundo a autora, a interação é de tipo igualitário e simétrico. Além disso, a conversação tem um caráter familiar e improvisado, uma vez que os temas tratados, duração da troca e a ordem da tomada de turnos acontecem de forma relativamente livre.

Apesar do seu caráter relativamente livre, até as conversações mais banais, como compras no supermercado, devem seguir algumas regras conversacionais. De acordo com a autora, as conversações são elementos complexos que funcionam em diferentes níveis, por tal razão, as regras que regem essa atividade social são de natureza bastante diversa. Algumas valem para todos os tipos de interação, ao passo que outras são específicas de um ou de outro gênero particular. Além disso, elas são extremamente solidárias com o contexto e, conforme as sociedades e culturas, variam de forma ampla, estão em conjuntos relativamente flexíveis e são adquiridas de forma progressiva.

Sendo assim, como acentua Kerbrat-Orecchioni (2006, p.15), “o objetivo da análise conversacional é, precisamente, explicitar essas regras que sustentam o funcionamento das trocas comunicativas de todos os gêneros”. Em outras palavras, a análise da conversação busca decifrar a “partitura invisível” que norteia o comportamento dos participantes dessa complexa e polifônica atividade que é a conversação.

### 2.3. CARACTERÍSTICAS ORGANIZACIONAIS DA CONVERSAÇÃO

Conforme acentua Marcuschi (2003, p.14), a linguagem é de natureza essencialmente dialógica, ou seja, quando conversamos, via de regra, o fazemos por meio de perguntas e respostas ou asserções e réplicas. Seguindo a mesma linha de pensamento, Kerbrat-Orecchioni (2006), ao tratar da organização conversacional, defende que a conversação se apresenta como uma sucessão de turnos da fala, sendo que tal sucessão está submetida a alguns princípios de coerência interna. Em outras palavras, a conversação é uma organização que obedece a certas regras que sustentam o funcionamento das trocas comunicativas.

Sendo assim, a partir da proposta de Dittmann (1979), Marcuschi (2003, p.15) elenca cinco características básicas constitutivas da conversação:

- (a) interação entre pelo menos dois falantes;
- (b) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
- (c) presença de uma sequência de ações coordenadas;
- (d) execução numa identidade temporal;
- (e) envolvimento numa “interação centrada”.

Ainda segundo esse autor, essas características apresentadas permitem classificar a conversação como uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção, tanto visual quanto cognitiva, para um objetivo comum. Assim, o fato de exigir pelo menos dois falantes e pelo menos uma troca de turnos possibilita que se exclua o monólogo, o sermão, a conferência, entre outros das conversações. Do mesmo modo, a identidade temporal é imprescindível, pois

a conversação, mesmo que se dê em espaços distintos, como a conversação via telefone, deve ocorrer durante o mesmo tempo. Em outros termos, como argumenta Marcuschi (2006), começar uma interação significa, antes de tudo, abrir-se a um acontecimento cujas expectativas mútuas serão construídas.

Sob uma perspectiva similar, Kerbrat–Orecchioni (2006) defende que uma conversação é uma organização que obedece a regras de encadeamento sintático, semântico e pragmático, sendo que tais regras compõem a gramática das conversações. Dessa forma, qualquer infração, voluntária ou involuntária, dessas regras de encadeamento gera efeitos reais sobre o diálogo.

Nesse sentido, conforme salienta Kerbrat–Orecchioni (2006), a organização conversacional pode ser considerada em nível global ou local. No nível global, reconstitui-se o cenário ou *script* que embasa o desenvolvimento do conjunto da interação. Ainda segundo a autora, tal cenário está ligado de forma direta ao tipo de interação no qual se inscreve a troca comunicativa. No nível local, estuda-se a forma pela qual se efetua, passo a passo, o encadeamento dos diferentes constituintes do diálogo. Tal encadeamento pode ser feito em nível explícito, por meio de asserções, ou implícito, por meio de proposições e recusa dessas proposições.

Outro ponto defendido pela autora no que se refere à organização da conversação diz respeito ao modelo hierárquico. Na visão de Kerbrat–Orecchioni (2006), as mensagens linguísticas são constituídas por unidades hierárquicas, ou seja, inseridas umas nas outras, da menor, o fonema, à maior, o texto, atravessando por uma certa quantidade de unidades intermediárias, tais como: morfema, palavra, sintagma e frase. Dessa forma, conforme pontua a autora, “as conversações são arquiteturas complexas e hierarquizadas, fabricadas a partir de unidades que se inscrevem em categorias diferentes, e que são encaixadas umas nas outras, segundo algumas regras de composição”. (KERBRAT – ORECCHIONI, 2006, p. 55)

Quanto às unidades mais significativas para descrever a organização das conversações, a autora destaca cinco, quais sejam: unidades dialogais: interação, encontro, eventos de comunicação ou conversação; unidades monologais: sequência ou episódio, troca, intervenção e ato de fala. Em relação à interação, Kerbrat–Orecchioni

(2006) ressalta que, independentemente do “tipo” no qual ela se inscreve – conversação, entrevista, consulta médica etc. – uma interação é uma unidade comunicativa que apresenta uma perceptível continuidade interna, isto é, continuidade do grupo de participantes, do quadro espaço-temporal e dos temas abordados. Ainda segundo a autora, a interação é a unidade de nível superior e se transformam em sequências.

A sequência, por sua vez, pode ser compreendida como um conjunto de trocas unidas por um intenso grau de coerência semântica ou pragmática, ou seja, desenvolve um mesmo tema ou centraliza uma mesma tarefa. Além disso, a maior parte das interações se desenvolve conforme o seguinte esquema: sequência de abertura; corpo da interação e sequência da conclusão. Assim, as sequências de abertura têm por objetivo estabelecer o contato físico e psicológico entre os participantes por meio de rituais “confirmativos”, tais como: cumprimentos e manifestações de cordialidade. Já as sequências de conclusão têm por finalidade finalizar o fim do encontro da forma mais harmoniosa possível, por meio de diferentes trocas com funções “euforizantes”, tais como: desculpas e justificações da partida, balanço positivo do encontro, agradecimentos, votos e promessas de reencontros. Assim, diferentemente das sequências de abertura e de conclusão, que têm funções específicas e ritualizadas, as sequências centrais são seguem um padrão formal.

No que se refere à troca, Kerbrat-Orecchioni (2006) salienta que ela pode ser compreendida como a menor unidade dialogal, isto é, constituída por, pelo menos, dois participantes. Ademais, conforme elucida a autora, toda troca é, em tese, formada por, no mínimo, duas intervenções. Dessa forma, quando a troca é formada por duas intervenções temos, então, um par adjacente. A primeira intervenção é denominada de iniciativa, ao passo que a segunda é denominada de reativa. A título de exemplo, a autora cita o par cumprimento/cumprimento, troca simétrica, e o par pergunta/resposta, troca complementar.

Ao tratar da organização de sequências, Marcuschi (2003) argumenta, que o par adjacente ou par conversacional é uma sequência de dois turnos que coocorrem e servem para a organização local da conversação. Como exemplos de pares conversacionais o autor cita ainda: ordem/execução; convite-aceitação/recusa; xingamento-defesa/revide; acusação-defesa/justificativa e pedido de desculpa/ perdão. Ainda segundo o linguista,

os pares adjacentes apresentam uma relevante consequência metodológica para a Análise da conversação, uma vez que apontam que não é a simples ação linguística, mas sim a sequência de atividades que se presta como unidade para a análise.

Em relação à intervenção Kerbrat–Orecchioni (2006, p. 57) pontua que tal unidade é produzida por um único e mesmo falante, ou seja, “é a contribuição de um falante particular a uma troca particular”. Além disso, as intervenções são constituídas de atos de fala, que não são equivalentes. Assim, numa intervenção que compreende vários desses atos, distingue-se dois tipos de atos: o ato diretor, que atribui à interação seu valor pragmático e dominante e o (s) ato (s) subordinados, que funcionam como uma desculpa ou justificação que enquadra um ato diretor em questão.

Por último, no que diz respeito às unidades que compõem a organização conversacional, temos os atos de fala. De acordo com Kerbrat–Orecchioni (2006), os atos de fala podem ser considerados como a base estrutural da interação verbal. Ademais, sob um viés pragmático, os atos de fala correspondem às perguntas, pedidos, promessas, desculpas etc.

Ainda no que diz respeito às características organizacionais da conversação, Marcuschi (2003) ressalta que é possível distinguir dois tipos de diálogos, quais sejam: os assimétricos e os simétricos. Contudo, segundo o autor, apenas um deles pode ser considerado uma conversação propriamente dita, ou seja, os diálogos simétricos. Dessa forma, os diálogos simétricos são aqueles em que vários participantes têm, em tese, os mesmos direitos e deveres. Um bom exemplo de diálogos simétricos são as conversações diárias e naturais. Por outro lado, os diálogos assimétricos são aqueles em que um dos participantes tem o direito de conduzir a interação de acordo com os seus interesses, bem como de exercer pressão sobre os outros participantes. Para exemplificar esse tipo de diálogo, Marcuschi (2003) cita as entrevistas, os inquéritos e a interação em sala de aula.

#### 2.4. O TURNO CONVERSACIONAL

De acordo com Marcuschi (2003, p. 17), o conceito de turno conversacional surgiu a partir do modelo postulado pelos estudiosos H. Sacks, E.E. Schegloff e G. Jefferson (1974) – doravante S/S/J (1974) – com o qual se apresenta um sistema de *tomada de*

*turnos*, que, por sua vez, contribui para a organização da conversação. Assim, com base na regra “*fala um de cada vez*”, os autores propuseram um sistema válido para as interações espontâneas, informais, casuais e sem hierarquia de falantes, que é, ao mesmo tempo, livre de contexto e sensível aos elementos contextuais. Nesse sentido, conforme pontua Marcuschi (2003, p.17-18), qualquer conversação apresenta o seguinte modelo proposto por S/S/J (1974), qual seja:

- (a) a troca de falantes ocorre ou pelo menos ocorre;
- (b) em qualquer turno, fala um de cada vez;
- (c) ocorrências com mais de um falante por vez são ocorrências comuns, mas breves;
- (d) transições de um turno a outro sem intervalo e sem sobreposição são comuns; longas pausas e sobreposições extensas são a minoria;
- (e) a ordem dos turnos não é fixa, mas variável;
- (f) o tamanho do turno não é fixo, mas variável;
- (g) a extensão da conversação não é fixa nem previamente especificada;
- (h) o que cada falante dirá não é fixo nem previamente especificado;
- (i) a distribuição dos turnos não é fixa;
- (j) o número de participantes é variável;
- (k) a fala pode ser contínua ou descontínua;
- (l) são usadas técnicas de atribuição de turnos;
- (m) são empregadas diversas unidades construidoras de turno: lexema, sintagma, sentença etc.;
- (n) os certos mecanismos de reparação resolvem falhas ou violações nas tomadas.

Dessa forma, segundo o autor, o conjunto de tais propriedades converte a tomada de turnos em uma operação básica de conversação, sendo que o turno passa a ser um dos componentes centrais do modelo. Sendo assim, conforme define Marcuschi (2003, p.18), o turno pode ser compreendido como aquilo que falante faz ou diz enquanto possui a palavra, o que pode incluir até mesmo o silêncio.

Sob a mesma perspectiva, ao tratar do turno conversacional, Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 44) defende que “toda a interação verbal se apresenta como uma sucessão de “turnos de fala”, ou seja, os participantes estão sujeitos a um sistema de direitos e deveres e, por extensão, um sistema de expectativas, que podem ser realizadas ou contestadas.

Nesse sentido, o falante de turno, o falante atual, tem o direito de manter a fala por certo tempo, mas também o dever de cedê-la em determinado momento. Do mesmo modo, o sucessor, o próximo falante, tem a obrigação de deixar o falante atual falar e ouvi-lo enquanto ele fala; o sucessor tem ainda o direito de exigir o turno de fala ao final de certo tempo e o dever de tomá-la quando ela lhe é cedida.

Nesse sentido, segundo pontua Marcuschi (2003, p. 19), a regra geral elementar da conversação é : fala um de cada vez. Tal regra é resumida pelo autor pelo seguinte esquema: A-B-A-B. Em outras palavras, como explica Kerbrat-Orecchioni (2006), a atividade dialogal tem por fundamento o princípio da alternância, ou seja, numa conversação, a função locutória deve ser ocupada de forma sucessiva por diferentes participantes. Conforme afirma Marcuschi (2003), essa regra básica é válida para a maioria das línguas, culturas e situações, o que revela a existência de um conjunto de normas implícitas para a conversação aceita por todos.

Contudo, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006), em muitos casos de conversação espontânea, ocorre o que a autora denomina de “sobreposição de fala”, ou seja, dois falantes competem pelo mesmo turno. Assim, a fim de que somente um dos falantes continue como falante de turno, uma negociação deve ser iniciada. Tal negociação pode ser feita de forma agressiva ou cortês, explícita ou implícita. Nas negociações explícitas, utilizam-se enunciados metacomunicativos, tais como: deixe-me falar, por favor/ espere, eu ainda não acabei. Já nas negociações implícitas um dos falantes abre mão de seu turno em proveito do outro.

Desse modo, para que o revezamento na fala se passe sem problemas alguns mecanismos de regulação de alternância podem ser empregados. Em alguns casos, por exemplo, os turnos são concedidos por uma pessoa designada para tal função, como um presidente de sessão ou um mediador. Já nas conversações, as mudanças de turno são negociadas pelos próprios participantes por meio de alguns “sinais de fim de turno”, quais sejam: sinais de natureza verbal: os atos de fala, como as perguntas, os morfemas que conotam a conclusão, como “bom”, “é isso” e expressões fáticas, como “hein?” e “não?”. Sinais prosódicos: a pausa da voz e a curvatura entonativa marcada. Sinais de natureza mímico-gestual: o olhar fixo lançado no fim do turno.

Cabe ressaltar ainda outro aspecto relevante, apresentando por S/S/J (1974 *apud* Marcuschi, 2013), no que diz respeito ao turno conversacional, o qual se refere a *tomada de turno*. Tais estudiosos apresentam o conceito denominado LRT: lugar relevante para a tomada de turno, que consiste no momento em que os falantes atribuem o turno a outro ou nos casos em que os ouvintes entendem que o turno de seu interlocutor tem fim, procedendo, assim, à tomada de turno. Contudo, há casos em que os ouvintes intervêm, por meio do assalto ou usurpação ao turno do interlocutor, sem que haja indícios de que seu turno tenha sido concluído.

Em síntese, o turno conversacional pode ser descrito como um sistema de alternância de papéis e deveres entre os falantes. Tal sistema segue a aplicação de algumas regras que visam à organização da interação, evitando, assim, efeitos indesejáveis na interação conversacional, como o assalto ao turno. Em outras palavras, para que haja equilíbrio na conversação, isto é, fala-se um de cada vez, é necessário que os participantes respeitem os mecanismos de organização, como o turno. Por fim, como salienta Kerbrat – Orecchioni (2006), a conversação, bem como a sua organização, é uma construção coletiva e, portanto, produz permanentes negociações entre os membros do grupo conversacional.

## 2.5. OS MARCADORES CONVERSACIONAIS

Conforme defende Marcuschi (2003), as unidades sintáticas utilizadas no texto escrito não podem ser empregadas na análise da conversação, uma vez que as unidades, na conversação, correspondem a princípios comunicativos para a sua demarcação e não a princípios puramente sintáticos. Em outros termos, os marcadores do texto conversacional possuem características específicas e funções tanto conversacionais como sintáticas. Ainda segundo o autor, tais recursos estão subdivididos em três grupos, a saber: verbais, não verbais e suprasegmentais.

No que diz respeito às suas funções, Marcuschi (2003) acentua que tais sinais funcionam como uma espécie de elo entre unidades comunicativas, de orientadores dos falantes entre si etc. De acordo com o estudioso, esses sinais podem aparecer em diversas posições, tais como: na troca de falantes, na mudança de tópico, nas falhas de construção

e em posições sintaticamente regulares. Ademais, eles podem agir ainda como iniciadores ou finalizadores de turno.

Em relação aos recursos verbais que operam como marcadores, Marcuschi (2003) pontua que eles constituem uma classe de palavras ou expressões estereotipadas, de extrema ocorrência e recorrência. Além disso, no que concerne ao desenvolvimento do tópico, tais recursos não contribuem exatamente com informações novas, mas situam-no no contexto geral, particular ou pessoal da conversação. Ainda segundo o autor alguns não são nem mesmo lexicalizados, é o caso de “mm”, “ahã”, “ué”, entre outros.

A esse respeito, Kerbrat–Orecchioni (2006), ao tratar dos marcadores conversacionais, argumenta que os recursos verbais são o conjunto das unidades que derivam da língua, ou seja, unidades fonológicas, lexicais, e morfossintáticas. Ainda segundo a estudiosa, o oral espontâneo ainda é frequentemente considerado como subproduto da linguagem, uma vez que a gramática tradicional trata as características da fala cotidiana como falhas do discurso oral.

Dessa forma, conforme pontua a autora, os gaguejos, balbucios e lapsos; as frases inacabadas, as construções incoerentes ou tortuosas, as repetições, reformulações e retificações; os “é”, os “hein” e os “hmm” de todo o gênero, ou seja, os marcadores de hesitação, bem como o conjunto dos fáticos e reguladores são considerados falhas do discurso oral. Entretanto, sob um ponto de vista interativo, como explica a autora, todas essas falhas são, na verdade, funcionais. Em outros termos, em vez de enfatizar o caráter defeituoso dos sujeitos falantes, tais fenômenos constituem manifestações de sua capacidade de construir enunciados interativamente eficazes.

Quanto aos recursos não verbais, ou paralinguísticos, como o olhar, o riso, os meneios de cabeça e a gesticulação, Marcuschi (2003) argumenta que eles possuem um papel essencial na interação face a face. Para o autor, tais recursos estabelecem, mantêm e regulam o contato, haja vista que a linguagem corporal, como uma palmadinha com a mão durante um turno ou um olhar incisivo, são recursos cruciais na interação verbal.

Sob um viés distinto, Kerbrat–Orecchioni (2006) salienta que os recursos ou materiais não verbais, diferentemente das outras unidades, são transmitidos pelo canal

visual, distinguindo-se no seguinte conjunto: os signos estáticos: a aparência física dos participantes; os cinéticos lentos: as distâncias, as atitudes e as posturas; os cinéticos rápidos, jogos dos olhares, das mímicas e gestos. Ainda segundo a autora, enquanto as distâncias são analisadas sob a ótica da proxêmica, as outras unidades cinéticas estão inseridas na cinésica.

Sobre os recursos suprasegmentais, Marcuschi (2003) ressalta que eles são de natureza linguística, mas não possuem um caráter verbal. Para a análise da conversação, os dois mais importantes são as pausas e o tom da voz. As pausas compõem um elemento crucial na organização do texto conversacional, podendo ser curtas, médias ou longas. Além disso, conforme frisa o autor, as pausas têm uma frequência maior em final de unidades comunicativas e, via de regra, incidem ao mesmo tempo que outros marcadores. O autor defende ainda que, muitas vezes, em conversações informais, as pausas proporcionam mudanças de turno. Já nos monólogos, por exemplo, as pausas longas têm uma função cognitiva, pois funcionam como momentos de planejamento verbal ou de organização do pensamento.

Tendo como base os postulados de R. Rath (1979), o autor divide as pausas em dois tipos, quais sejam: as pausas sintáticas e as pausas não sintáticas. As pausas sintáticas, por sua vez, podem ser divididas ainda em dois subtipos: as pausas de ligação que funcionam para a construção interna da unidade sem iniciar uma nova, vindo muitas vezes, no lugar de um conector qualquer, como “e”, “então”, “mas”, entre outros. E as pausas de separação que delimitam ou separam as unidades comunicativas e podem vir logo após um sinal de fechamento de unidade ou abaixamento do tom de voz.

De igual modo, as pausas não sintáticas podem ser divididas em dois subtipos: pausas de hesitação e pausas de ênfase. As pausas de hesitação, como elucidada o autor, têm uma motivação cognitiva, servindo para o planejamento verbal. Enquanto as pausas de ênfase têm valor de sinalizadores do pensamento, ou seja, reforçam ou chamam a atenção. Ainda segundo o autor, os marcadores de hesitação aparecem de preferência nos momentos em que o texto se organiza, ou seja, na passagem de um tópico a outro, na hora de apresentar um argumento, entre outros. Dentre os recursos suprasegmentais, Marcuschi (2003) destaca ainda a entonação, a cadência e a velocidade, que distinguem e assinalam relações pessoais e de conteúdo.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Kerbrat –Orecchioni (2006) ressalta que os recursos suprasegmentais ou material paraverbal são as unidades que acompanham as unidades propriamente linguísticas e são transmitidas pelo canal auditivo, a saber: entonações, pausas, intensidade articulatória, elocução, particularidades da pronúncia, e características da voz.

A autora ressalta ainda que é impossível analisar as interações sem levar em conta os elementos não verbais e paraverbais, uma vez que diferentes atos verbais e não verbais estão associados num mesmo ritual, como a saudação. Dessa forma, certos comportamentos não verbais devem ser considerados como condições de possibilidade da troca comunicativa. Além disso, os dados paraverbais e não verbais são ainda indicadores significativos do estado afetivo dos participantes, sendo, portanto, vetores para a expressão das emoções. Nesse sentido, a comunicação oral é multicanal e plurissemiótica, ou seja, os recursos verbais, não verbais e paraverbais são indissociáveis e complementares à comunicação.

## 2.6. A COERÊNCIA E O TÓPICO CONVERSACIONAL

Conforme ressalta Marcuschi (2003), na conversação, o tópico normalmente é desenvolvido por no mínimo duas pessoas. Contudo, nem por isso ela é um texto falado com papéis preestabelecidos. Assim, segundo explica o estudioso, uma das primeiras exigências para a organização das conversações, é que um ato de fala necessita ter algum tipo de relação com o ato que se segue e, em alguns casos, com o anterior. Dessa forma, a coerência conversacional não diz respeito somente a uma relação simétrica entre os turnos consecutivos. Em oposição ao que acontece no texto escrito, na conversação, a coerência ocorre na orientação temporal, uma vez que não é possível verificar a reversibilidade. Por tal razão, torna-se difícil para um falante assegurar o tópico, visto que não se pode programar o seguimento completo.

Sendo assim, conforme defende Marcuschi (2003), a coerência, ao lado da troca de turnos, é um dos organizadores mais relevantes da conversação, porém, de natureza bem distinta. O autor ressalta ainda que a coerência é um processo global e exige uma interpretação mútua, local e coordenada. Ademais, vale-se de um conjunto significativo

de recursos, tais como unidades lexicais, estereótipos, marcadores, dispositivos não verbais, recursos suprasegmentais, entre outros.

Em relação ao tópico conversacional, Marcuschi (2003) salienta que as conversações, de modo geral, iniciam-se com o tópico que motivou o encontro. Por outro lado, se um encontro for inesperado, ele pode iniciar com o imprevisto e, logo em seguida, passar para outro tópico. Já se o encontro foi combinado, o tópico inicial já estava estabelecido. No caso de conversações telefônicas, por exemplo, aquele que ligou, em tese, sabe o que pretende propor na primeira abertura que aparecer para o tópico em questão. O estudioso ainda argumenta que cumprimentos e despedidas normalmente não formam tópicos, mas podem tornar-se o tópico de um debate. Dito de outro modo, segundo o autor, a conversação, em sua essência, só se constitui e se mantém se houver algo sobre o que conversar. A partir daí surge o que o teórico Goffman denomina como sendo uma interação centrada.

## 2.7. SOBRE O CONTEXTO

Com efeito o contexto ou situação comunicativa tem um papel substancial no funcionamento das interações conversacionais. Conforme pontua Kerbrat – Orecchioni (2006), o contexto determina as escolhas discursivas que o falante deve efetuar, como a seleção dos temas e das formas de tratamento, o nível de língua, os atos de fala etc. Ademais, no que se refere à interpretação dos enunciados pelo receptor, o contexto exerce um papel decisivo para a identificação da significação implícita dos discurso dirigido. Nesse sentido, o contexto é uma parte fundamental da conversação e compreende os seguintes elementos: lugar (*setting* ou quadro *espaçotemporal*), objetivo e participantes.

No que diz respeito o lugar, a autora explica que ele é dividido em dois quadros, quais sejam: o espacial e o temporal. O quadro espacial corresponde aos aspectos físicos do local onde ocorre a interação, por exemplo, lugar fechado ou aberto, público ou privado, apartamento, loja, restaurante etc. Além disso, o quadro espacial também corresponde à função social e institucional do local, como o tribunal de justiça não mais como edifício, mas como lugar de exercício da função judiciária. Quanto ao quadro temporal, Kerbrat – Orecchioni (2006) acentua que ele é tão importante quanto o espacial, uma vez que o discurso deve ser apropriado não só ao lugar, mas também ao momento.

Em relação ao objetivo da interação, conforme ilustra a autora, ele pode ser tanto global, como a consulta médica, quanto pontual que corresponde aos diferentes atos de fala efetuados no decorrer do encontro. No que se refere aos participantes, em uma interação, são considerados: seu número, conversação face a face, a três ou mais; suas características individuais, idade, sexo, profissão, posição social etc.; e suas relações mútuas, grau de conhecimento, natureza do laço social e afetivo.

Ainda dentro do âmbito contextual da interação, Kerbrat–Orecchioni (2006) chama atenção para a importância dos papéis interlocutivos e os diferentes tipos de receptores. Conforme pontua a autora, os participantes de uma conversação ocupam, cada um a seu turno, a posição de emissor e ficam durante o resto do tempo na posição de receptor. Assim, dentro do conjunto de receptores pode-se distinguir diferentes tipos de participantes. O primeiro tipo destacado pela autora é o de participantes “reconhecidos”, segundo ela, eles são parte oficial do grupo conversacional, assim como demonstrado pelo arranjo físico do grupo conversacional e pelo comportamento verbal e não verbal. Os simples espectadores ou *bystanders*, outra categoria discutida pela autora, são considerados apenas testemunhas de uma troca, da qual estão, em tese, excluídos.

Conforme Kerbrat–Orecchioni (2006), a categoria dos receptores reconhecidos ou destinatários, que é a mais importante, compreende ainda os destinatários diretos ou alocutários, aqueles que o falante admite de forma aberta como seus principais parceiros de interação, e os destinatários indiretos ou laterais. Ainda segundo a autora, o destinatário direto pode ser identificado a partir de alguns indícios de alocação produzidos pelo falantes e que são de natureza verbal e não verbal. Em relação aos índices verbais, destacam-se as sequências metacomunicativas que definem a identidade dos destinatário direto. Quanto aos índices não verbais, a orientação do corpo e a direção do olhar são os principais marcadores.

Por outro lado, nem sempre é possível confiar nos índices de alocação para determinar o destinatário, uma vez que um destinatário pode esconder um outro. Em outras palavras, conforme pontua a autora, pode ocorrer que o destinatário “certo” não seja aquele que os marcadores utilizados para esse fim selecionam. Tal estratégia enunciativa é chamado de tropo comunicacional e está amplamente presente, tanto na

vida como no teatro. Um exemplo desse estratagema são as entrevistas ou debates midiáticos, nos quais os participantes aparentam estar falando entre si, mas na realidade, o discurso se destina aos ouvintes ou telespectadores.

O contexto conversacional abrange ainda o que Kerbrat-Orecchioni (2006) chama de papel interacional. De acordo com a autora, os papéis interacionais possuem um caráter relativamente estável ao longo da troca, pois estão intimamente ligados ao tipo de interação em curso – alguns exemplos de papéis interacionais incluem: médico/paciente, professor/aluno, vendedor/cliente, especialista/entrevistado etc. Assim, em todos os exemplos apresentados, os papéis são complementares; já nas conversações, todos os participantes exercem, teoricamente, o mesmo papel, ou seja, a interação é simétrica.

Ainda segundo a autora é imprescindível distinguir o papel (interacional) do estatuto (social). O estatuto é característico do indivíduo engajado na interação, como o jornalista, sendo, portanto, mais estável que o papel interacional, que é característico do “*script*” da interação, como o entrevistador. Logo, o conjunto dos papéis interacionais determina o contrato de comunicação entre os participantes em um tipo determinado de interação.

## 2.8. A POLIDEZ E OS SISTEMA DE FACES

A polidez, conforme salienta Kerbrat-Orecchioni (2006), é um fenômeno linguisticamente pertinente que surgiu por volta do final da década de 70. Tal fenômeno linguístico nasceu a partir da investigação de estudiosos, como R. Lakoff, G. Leech e, principalmente, P. Brown e S. Levinson. Ainda segundo a autora, a noção de polidez, em seu sentido amplo, diz respeito a todos os aspectos do discurso que são regidos por regras, cuja função é conservar o caráter harmônico das relações interpessoais.

Em relação ao modelo proposto por Brown e Levinson, Kerbrat-Orecchioni (2006) argumenta que a concepção de polidez postulada por tais estudiosos se articula e se fundamenta sobre a noção de “face”, que por sua vez é emprestada de E. Goffman, entre outros, mas é mais ampliada, em consequência da inclusão da que se denomina

normalmente de o “território. Dessa forma, para esses autores, todo indivíduo possui duas faces, quais sejam: a face negativa e face positiva.

A face negativa refere-se ao que Goffman descreve como “os territórios do eu”, ou seja, o território corporal, espacial ou temporal, bens materiais ou saberes secretos, entre outros. A face positiva, por seu turno, corresponde ao narcisismo, bem como ao conjunto de imagens supervalorizadas que os interlocutores constroem de si e que tentam impor na interação. Dessa forma, em qualquer interação entre dois participantes, encontram-se quatro faces que são postas em presença.

Em contrapartida, conforme elucidada Kerbrat-Orecchioni (2006), durante o desenrolar da interação, os interlocutores realizam, muitas vezes de modo inconsciente, um certo número de atos – verbais e não verbais – sendo que a maioria de tais atos se constituem como ameaças para uma e/ou outra dessas quatro faces. Daí provém a expressão *Face Threatning Act* proposta por Brown e Levinson para denominar “atos que ameaçam as faces” e popularizada sob a forma de “FTA”. Nessa concepção, os atos de fala se dividem em quatro categorias, a saber: atos que ameaçam a face negativa do emissor, como ofertas e promessas; atos que ameaçam a face positiva do emissor, como a confissão, a desculpa a autocrítica etc.; atos que ameaçam a face negativa do receptor, como as ofensas proxêmicas, contatos corporais inadequados, perguntas indiscretas, ordem, proibição etc.; e os atos que ameaçam a face positiva do receptor, como a crítica, refutação, reprovação, insulto, sarcasmo, entre outros.

Com relação às faces, a autora destaca ainda que os atos realizados de ambas as partes no decorrer da interação são, em tese, ameaçadores para os participantes, uma vez que a perda da face é uma falha simbólica que procuramos evitar, sempre que possível, a nós mesmos e aos outros. Dessa maneira, à noção de face sobrepõe-se não somente a noção de FTA, mas também a de *face want*, isto é, o desejo de preservação das faces. Ademais, as FTAs e o *face want* são, ao mesmo tempo e de forma contraditória, o alvo de ameaças constantes e o objeto de um desejo de preservação.

Sendo assim, para lidar com essas e outras contradições, por um lado, os participantes ou interactantes se valem do que Goffman denomina de *face work*. Segundo o estudioso, o *face work* consiste em um trabalho de figuração, ou seja, tudo o que uma

pessoa atenta para que suas ações não impliquem perda diante de ninguém ou de si mesma. Por outro lado, para Brown e Levinson, os participantes podem lidar com tal situação utilizando várias estratégias de polidez, visto que a polidez se apresenta como uma forma de conciliar o mútuo desejo de preservação das faces, com fato de que a maior parte dos atos de fala são em tese ameaçadores para uma dessas faces.

Assim, partindo desse pressuposto, conforme explica Kerbrat–Orecchioni (2006), para Brown e Levinson, trata-se de fazer o levantamento e a descrição das diversas estratégias que podem ser colocadas a serviço da polidez. Além disso, conforme assinala a autora, a escolha efetuada entre essas diversas estratégias vai depender da função dos três seguintes fatores, quais sejam: o grau de gravidade do FTA; a distância social entre os interlocutores e a sua relação de poder. Dito de outro modo, a conceito defendido por tais autores é que a polidez de um enunciado deve, teoricamente, aumentar, ao mesmo tempo que a distância social, a relação de poder e o “peso” do FTA.

Embora a teoria acerca das faces e da polidez apresentada por Brown e Levinson tenha contribuído para o desenvolvimento de diversos estudos, Kerbrat–Orecchioni (2006) defende que ela apresenta imperfeições, uma vez que tais autores postulam que a interação consiste numa busca incessante dos indivíduos em defender-se de possíveis FTAs, sem levar em consideração a questão dos atos valorizados da face, como os elogios, os agradecimentos ou os votos.

Dessa maneira, a autora desenvolve um novo conceito, complementado, assim, a teoria de Brown e Levinson sobre a polidez verbal a qual, conforme Kerbrat–Orecchioni (2006), defende os atos ameaçadores e seus mecanismos de reparação. Trata-se do conceito de FFA, atos valorizadores da face. Em outras palavras, os FFAs podem ser caracterizados como o lado positivo dos FTAs, ou seja, uma espécie de antiFTAs.

Além da crítica ao modelo de faces proposto por Brown e Levinson, Kerbrat–Orecchioni (2006) esclarece ainda as noções de “polidez negativa e de “polidez positiva”, que se apresentam confusas nos estudos desses teóricos. Assim, para a autora, a polidez negativa é de cunho abstencionista e compensatório, isto é, resume-se em evitar produzir um FTA, ou em suavizar, por meio do emprego de certos procedimentos, independente do fato de tal FTA dirigir-se à face positiva ou à negativa dos interactantes.

A polidez positiva, por sua vez, conforme elucidada a estudiosa, é de cunho produtivo e consiste na execução de algum FTA para a face negativa, como o presente, ou para a face positiva, como o elogio, do destinatário.

Por fim, Kerbrat-Orecchioni (2006) argumenta ainda que, dentro do sistema global, a polidez positiva é tão importante quanto a polidez negativa. Dito de outro modo, apresentar-se polido na interação é produzir atos valorizadores da face, bem como atos ameaçadores da face. Além disso, conforme pontua a autora, os atos valorizadores, como os elogios, são ainda mais polidos que a atenuação de uma crítica.

Em suma, como exposto ao longo deste capítulo e ao contrário da crença popular, a conversação, mesmo a informal ou familiar, possui diversas características formais e informais, muitas vezes similares a própria escrita, que regulam e arquitetam o ato conversacional. Logo, a conversação ou a língua falada não é sistema caótico ou desestruturado, mas, sim, um sistema composto por normas e regras que visam estruturar e organizar as interações conversacionais, como a organização de turnos. Dessa forma, quando essas regras e normas são ignoradas pelos falantes, a comunicação entre os interlocutores pode se tornar conflituosa ou, até mesmo, ineficaz. Sendo assim, no próximo capítulo discutiremos as relações entre a língua falada e a língua escritas, bem como a influência que uma tem sobre a outra.

### 3. ENTRE A FALA E A ESCRITA

Antes de analisar e discutir como as marcas de oralidade se manifestam no discurso do telejornal *Bom Dia São Paulo* é preciso, inicialmente, compreender as diferenças e as similaridades entre a língua falada e a língua escrita. Tendo isso em vista, o presente capítulo tem por finalidade tratar algumas questões de cunho teórico acerca dessas duas modalidades da língua, o que nos auxiliará na análise do *corpus* selecionado.

#### 3.1. LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA: DUAS MODALIDADES EM UM CONTÍNUO

De acordo com a estudiosa Patrícia Ferraz (2016), a linguagem no telejornalismo, apesar de utilizar legendas, figuras e gráficos, é constituída principalmente pela oralidade. Contudo, não se trata de uma linguagem improvisada, de processamento concomitante à verbalização, isto é, pensada no mesmo momento de sua enunciação. Nesse sentido, via de regra, o discurso dos apresentadores e dos repórteres são escritos antecipadamente e, na hora da apresentação do telejornal, são lidos de modo a fazer parecer que se trata de um ato de fala. Diante disso, é possível afirmar que o discurso oral no telejornalismo é, com efeito, uma atividade de retextualização, que, segundo postula Marcuschi (2010), ocupa um espaço localizado entre as modalidades da linguagem falada e da linguagem escrita.

Entretanto, nas décadas de 60 e 70, o estudo dessas modalidades escrita e falada da língua era orientado por uma tendência inicial caracterizada pela *perspectiva da dicotomia*. Grosso modo, conforme sustenta Marcuschi (2010), tal vertente estabeleceu, durante muito tempo, diferenças entre as modalidades escrita e falada da língua. Em outras palavras, considerava-se a relação entre fala e escrita como dicotômica, estanque e oposta. Assim, com base nessa dicotomia estrita, dividiu-se a língua falada e a língua escrita em dois blocos distintos, como vemos no quadro abaixo:

FALA	<i>versus</i>	ESCRITA
Contextualizada		Descontextualizada
Dependente		Autônoma
Implícita		Explícita

Redundante		Condensada
Não planejada		Planejada
Imprecisa		Precisa
Não normatizada		Normatizada
Fragmentária		Completa

Tabela 1

Fonte: MARCUSCHI, 2010, p. 27

Já nos dias atuais, conforme acentua o autor, predomina a posição de que é possível considerar fala e escrita como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais. Tal mudança de perspectiva revela uma nova concepção de língua e de texto, concebidos, agora, como um conjunto de práticas sociais. Dito de outro modo, hoje, já não é aceitável pensar as modalidades escrita e falada como instâncias completamente independentes, estanques e invariáveis, uma vez que não se trata de dois sistemas linguísticos dicotômicos. Sendo assim, ainda que seja possível detectar diferenças entre uma e outra modalidade, ambas admitem a exposição de pensamentos por meio de textos mais ou menos elaborados, ou seja, ambas possuem sua eficácia comunicativa.

Partindo desse pressuposto, estudiosos como Ingedore Villaça Koch e Vanda Marias Elias (2017) e Marcuschi (2010) defendem a ideia de que existe um *contínuo* entre a fala e a escrita, que as tornam complementares e não opostas. Sendo assim, para Koch e Elias (2017),

O que se verifica, porém, é que existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos ao polo da fala conversacional como, por exemplo, bilhetes, cartas familiares, textos publicitários e textos de humor [...] da mesma forma [...] também existem muitos textos falados que mais se aproximam do polo da escrita formal (conferências, entrevistas, profissionais para altos cargos administrativos e outros)[...] (KOCH e ELIAS, 2017, p.15)

Dessa forma, Koch e Elias (2017), ao tratar da fala e da escrita, descrevem o texto como um evento sociocomunicativo, que ganha existência dentro de um processo interacional. Para as autoras, todo texto é o resultado de uma produção conjunta entre dois ou mais interlocutores. Assim, o que diferencia o texto escrito do texto falado é o modo como tal coprodução se dá, ou seja, as diferenças entre uma e outra são relativas ao uso e, portanto, graduais.

Nesse sentido, no texto escrito, tal produção conjunta leva em consideração o interlocutor, ou seja, a perspectiva do leitor é levada em conta, uma vez que ele não participa de forma direta e ativa na elaboração linguística do texto. Desse modo, no caso do texto escrito, diferente do que acontece no texto falado, os contextos de produção e recepção, de modo geral, não coincidem nem em termos de espaço, nem em termos de tempo, visto que escritor e leitor não ocupam, ao mesmo tempo, o mesmo espaço. Por esse motivo, o produtor do texto tem mais tempo para planejar, executar e revisar o texto.

O texto falado, por sua vez, se dá no exato momento da interação, como colocado pelas autoras, “ele é o seu próprio rascunho” (KOCH e ELIAS, 2017, p.14). Além disso, conforme ressaltam as estudiosas, no texto falado, ocorre uma interlocução ativa, que envolve um processo de coautoria entre os interlocutores que se reflete por meio das marcas da produção verbal conjunta. Por essa razão, a língua falada difere em muitos pontos da língua escrita não só pelo fato de ser falada, mas, também, devido às contingências de sua formulação.

Na mesma direção, o estudioso Chafe (1982, *apud* Dias 2008), ao comparar a língua escrita com a língua falada, assinala como traços característicos entre as modalidades duas dimensões que se referem a diferenças no processo de escrever e de falar. A escrita, em função de constituir-se como um ato de produção lento, planejado e solitário, caracteriza-se pela qualidade de *integração* e *distanciamento*. A fala, por seu turno, caracteriza-se pela *fragmentação* e *envolvimento*, visto que reflete a natureza convulsiva do pensamento, por ser espontânea e estar situada num ambiente de interação.

Ainda segundo esse autor, no discurso falado, o fator *envolvimento* revela-se por meio do acontecimento de alguns fenômenos, a saber: presença do discurso direto; uso de pormenores; emprego de expressões que apontam ao monitoramento do canal de comunicação pelo falante; presença de marcas de primeira pessoa; ênfase maior sobre agentes e ações do que sobre estados e objetos; ênfase sobre pessoas e seus relacionamentos ( individualização, relações de parentesco), concretismo e conotação. ( CHAFE 1982, *apud* DIAS, 2008, p. 56)

Nesse sentido, retomando a postulação de Marcuschi (2010, p. 37), “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um *continuum* tipológico das práticas sociais de

produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos”. Em outras palavras, de acordo com Koch e Elias (2017), os diversos tipos de práticas sociais de produção textual localizam-se dentro de um contínuo tipológico, cujas extremidades estariam, de um lado, a escrita formal e, de outro, a conversação coloquial, espontânea,

Tal posição teórica é exemplificada por Marcuschi (2010, p.41) por meio de um gráfico – como vemos abaixo – que posiciona os gêneros entre as modalidades escrita e falada. Além disso, no próprio gráfico, é possível observar que o balão desenhado no meio desse contínuo ilustra os gêneros considerados “mistos”, e entre eles, encontra-se o noticiário de TV.

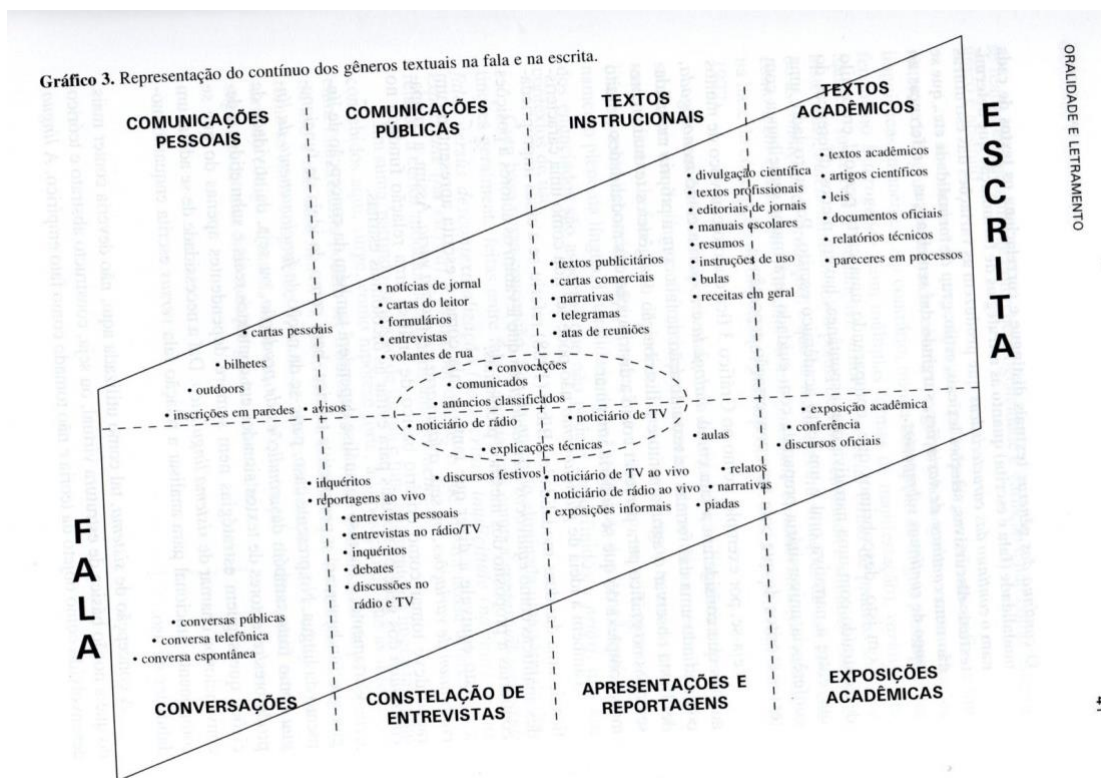


Figura 1 – Fonte: Marcuschi, 2010, p. 41

Em suma, o presente capítulo teve por objetivo ilustrar que a fala e a escrita são duas modalidades de um mesmo sistema linguístico e, portanto, não podem ser vistas como dicotômicas e estanques. É evidente, contudo, que cada uma possui características próprias. Entretanto, como defende Marcuschi (1993, p.52 *apud* Dias 2008 ),

Seria inconveniente estabelecer as diferenças entre a fala e a escrita, partindo da análise de textos acadêmicos de uma lado, e conversações espontâneas no bar da esquina de outro lado. Mais próprio será estabelecer uma relação de proximidade e diferença entre fenômenos comparáveis, tal como uma conversação espontânea e uma carta pessoal, ou entre um texto acadêmico e uma conferência acadêmica [...]

Nessa perspectiva, hoje, como afirma Marcuschi (1997), não é possível pesquisar os fenômenos da oralidade e da escrita sem uma referência direta ao papel dessas duas práticas na civilização contemporânea. Dessa maneira, conforme o autor, conclui-se, que fala e escrita se manifestam em um *contínuo* de variações. Em outras palavras, entre a fala e a escrita existe um conjunto de variações, sendo que fala e escrita podem influenciar-se de forma mútua. Por fim, vale ressaltar ainda que o texto falado não pode ser considerado caótico e desestruturado. Pelo contrário, como exposto, ele possui uma estruturação que lhe é própria, determinada pelas circunstâncias de sua produção. Sendo assim, a partir do que foi discutido, constata-se que há textos falados que assumem características semelhantes aos textos escritos, e há textos escritos que se assemelham a textos falados.

#### 4. ANÁLISE DO CORPUS

Tendo como base os pressupostos teóricos abordados nos capítulos anteriores, o presente capítulo tem por objetivo analisar o *corpus* selecionado em busca de marcas de oralidade e indicadores de retextualização – como pausas, dêiticos, hesitações, substituições e alongamentos – discutir como tais marcas se manifestam no discurso do telejornal e, por último, demonstrar como esse efeito de oralidade favorece a aproximação com o telespectador.

Para tal, optou-se por analisar um telejornal matutino local, uma vez que os noticiários apresentados no período noturno tendem a ser mais formais, apresentando uma linguagem padronizada. Sendo assim, dentre os diversos telejornais matutinos da televisão brasileira, o *Bom Dia São Paulo*, da Rede Globo, mostrou-se o mais indicado para este trabalho, pois, além de ser um telejornal popular entre os habitantes do estado de São Paulo, apresenta um discurso cada vez mais oralizado e próximo do telespectador, aspectos-chave do nosso trabalho. Diante disso, selecionamos alguns trechos de textos orais do telejornal que evidenciam a presença de marcas de oralidade. Para a seleção dos dados, utilizamos o aplicativo de *streaming* da Rede Globo, o *Globoplay*.

##### 4.1. BOM DIA SÃO PAULO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Tendo como proposta um telejornalismo dinâmico e com ênfase nos problemas da comunidade, o *Bom Dia São Paulo* foi o primeiro informativo local matutino da Rede Globo. Transmitido pela primeira vez em 18 de abril de 1977, o noticiário apostava em notícias locais, prestação de serviços, entradas ao vivo a partir de diferentes pontos da cidade e entrevistas em tom descontraído, para formar um público cativo na faixa de horário que ocupava, às 7h, até então, considerada difícil para o telejornalismo. Conforme o arquivo da Rede Globo, inicialmente, o telejornal possuía um caráter experimental e formava repórteres, que entravam ao vivo e conversavam com apresentadores e comentaristas.

Com relação ao formato, o telejornal, a princípio, produzia longas reportagens e entrevistas, sendo que algumas eram feitas no próprio estúdio e outras durante o café da

manhã ou exercícios matinais do entrevistado. Entre os entrevistados do *Café da Manhã* estavam atores, músicos, jogadores de futebol e políticos importantes da década de 70, como Fernando Henrique Cardoso, Ulysses Guimarães e Tancredo Neves. Além disso, algumas entrevistas do noticiário marcaram o telejornalismo nacional, como a primeira aparição de Luiz Antônio Lula da Silva na Globo, que foi entrevistado durante uma greve do Sindicato dos Metalúrgicos em São Bernardo do Campo.

De acordo com o arquivo da Rede Globo, no começo, o *Bom Dia São Paulo* contava com duas equipes de jornalistas, que se revezavam na produção das edições. Quando completou dez anos, em 1987, o telejornal envolvia mais de 40 pessoas na produção. Ademais, para muitos jornalistas, como Marília Gabriela e Ciro José que atuavam como entrevistadores e apresentadores, o *Bom Dia São Paulo* serviu de laboratório de formação. Além deles, ao longo de quatro décadas, passaram pelo noticiário jornalistas como Darcio Arruda, Tonico Ferreira, Carlos Nascimento, Carlos Tramontina, Chico Pinheiro, Fausto Silva, Mariana Godoy, Maurício Kubrusly, entre muitos outros.



Carlos Tramontina. Fonte: arquivo Globo



Darcio Arruda. Fonte: arquivo Globo



Chico Pinheiro. Fonte: arquivo Globo

No que diz respeito às transformações no formato e no modo de apresentar as notícias, o *Bom Dia São Paulo* foi um dos primeiros telejornais da Rede Globo a utilizar o editorial, a promover campanhas semanais sobre questões de interesse da comunidade – como a falta d'água ou o transporte ineficiente nos bairros da periferia – e a manter uma agenda dos principais acontecimentos em Brasília. Além das notícias nacionais, o noticiário contava com correspondentes no exterior, que cobriam os principais acontecimentos no mundo.

Ainda no âmbito das transformações, o noticiário matutino foi um dos precursores a ter na apresentação um jornalista atuando como âncora segundo o modelo norte-

americano, isto é, conduzindo entrevistas e reportagens com autonomia para fazer comentários e emitir opiniões. Carlos Monforte, editor-chefe do telejornal em 1978, desempenhava esse papel. Além disso, nessa mesma época, a Rede Globo começava a trabalhar com a Unidade Móvel (UM) – era o início do *link*<sup>3</sup>, das matérias ao vivo.

Investindo em um formato inovador e um espaço cada vez maior para a prestação de serviços, discussão de temas sociais e reportagens especiais, o *Bom Dia São Paulo* se estabeleceu como um dos mais importantes noticiários matutinos do estado de São Paulo, pavimentando o caminho para a criação de outros telejornais similares em outros estados. Devido à crescente popularidade, deixou de ser um mero experimento e entrou oficialmente para a grade da emissora. Assim, em 2005, o telejornal era transmitido para 645 municípios do estado, e abria espaço para participações ao vivo de equipes de praças no interior.

Nesse contexto, sair de casa bem informado passou a ser uma necessidade para a maioria dos cidadãos paulistas. Tendo isso em vista, o telejornal, no decorrer dos anos, vem investindo não somente em um telejornalismo de qualidade, mas também, em uma programação diversificada, em um ambiente desenvolvido e em profissionais qualificados e carismáticos. Sendo assim, em 2008, sob o comando da então âncora, Mariana Godoy, o *Bom Dia São Paulo* passou a ser apresentado em um estúdio de vidro com vista para importantes avenidas nas margens do rio Pinheiros e para a ponte Octávio Frias de Oliveira. Em 2011, por sua vez, o estúdio de vidro recebeu um novo cenário, com uma nova bancada, área de entrevistas e três telões, sendo dois deles interativos. Segundo o arquivo da Rede Globo, tais mudanças serviram para agilizar e mobilizar a condução do telejornal.

No que diz respeito aos apresentadores, como já exposto, desde a estreia do telejornal na década de 70, muitos apresentadores passaram pela bancada do *Bom Dia São Paulo*. Mariana Godoy, por exemplo, uma das apresentadoras mais recentes e marcantes, apresentou o noticiário entre 2001 e 2010. Atualmente, Rodrigo Bocardi, ex-correspondente da Globo em Nova York, conduz o noticiário. O apresentador assumiu a

---

<sup>3</sup> Link: ligação entre dois ou mais pontos para a transmissão, ao vivo, das imagens. No cotidiano dos jornalistas é usado como sinônimo de entrada “ao vivo”.

bancada, em 6 de maio de 2013, no lugar de Carla Vilhena, que comandava o telejornal desde abril de 2010. Além de Bocardi, a equipe atual do Bom Dia São Paulo é composta por: Maurício Noriega, responsável pelos comentários esportivos e Glória Vanique, responsável pelo quadro *Radar SP*.

#### 4.2. AS MARCAS DE ORALIDADE NO TELEJORNAL *BOM DIA SÃO PAULO*

Iniciamos a análise a partir de um excerto do programa, no dia 16 de julho de 2009. Trata-se de um trecho do segundo bloco do telejornal:

**Mariana Godoy:** bom dia, São Paulo, são 6:30 da manhã... o estado de São Paulo registrou ... em 2008, o menor índice de mortalidade infantil da histÓRIA, o estudo da secretária da saúde, baseado em dados da fundação SEADE, aponta TAxa de::: ...12,5 mortes em 1.000 nascimentos, em 2007 esse índice era de 13,1 por 1.000... o governador José Serra atribuiu a melhoria À ampliação do atendimento na área da saúde, aos investimentos em SANEamento e a vacinação em MAssa.

O trecho em destaque foi selecionado com o objetivo de ilustrar e analisar, de forma cronológica, as transformações e as modificações no discurso dos apresentadores do Bom Dia São Paulo ao longo dos anos. Optou-se por um trecho em que a jornalista Mariana Godoy é a apresentadora, em função da notoriedade que a jornalista conquistou durante o tempo em que conduziu o noticiário, entre 2001 e 2010. No que diz respeito ao formato da apresentação, como se pode observar na imagem a seguir, nota-se que a apresentadora enuncia as notícias sentada, a partir de uma bancada, seguindo uma linha de apresentação formal, comum para os noticiários da época.



Figura 2. Bom dia São Paulo/ Mariana Godoy. 16/07/2009. Fonte: Google imagens

Examinando o trecho em questão em busca de indicadores de oralidade e/ou escrita, encontramos um texto marcado pela precisão. A fala da apresentadora transcorre de forma clara, sem muitas pausas ou alongamentos, fenômenos típicos da língua falada e da conversação face a face, o que demonstra um planejamento, que dispensa hesitações, correções e formulações. Observa-se ainda que o texto segue um encadeamento lógico, coeso e coerente. Assim, a primeira oração revela o resultado positivo do estudo sobre os índices de mortalidade infantil no ano de 2008, no estado de São Paulo. A segunda, por sua vez, avança no mesmo raciocínio, especificando os detalhes da pesquisa e, por último, revelando os motivos da melhoria.

Tal articulação entre as orações conforma a *integração* do discurso, uma vez que as informações são detalhadas com dados numéricos, como as taxas de mortalidade infantil no estado de São Paulo, nos anos de 2007 e 2008. Além disso, a citação da fonte dos dados, no caso a fundação SEADE, revela a exatidão dos fatos apresentados. Nessa perspectiva, como discutido no capítulo anterior, todos esses índices demonstram um *distanciamento*, que é respaldado pela ausência de pronomes pessoais. Dessa forma, embora o excerto transcrito tenha sido oralizado pela apresentadora ao vivo, nota-se uma aproximação visível entre sua estrutura e a língua escrita. Sendo assim, pode-se afirmar, portanto, que, por mais que se trate de um discurso oralizado, os traços de uma linguagem escrita são evidentes.

O mesmo não acontece neste outro trecho em que a fala de Mariana Godoy, retirada do último bloco do programa, trata sobre a situação de um touro perdido, capturado na região metropolitana da capital paulista.

**Mariana Godoy:** e **você** se lembra daquele TOuro que provocou a MAior confusão no trânsito, na zona SUL da capital?... **bom**, hoje, termina o praZO para o DOno ir buscar o animal... esse touro pesa cerca de mEia toneLADA, ele está na faculdade de medicina veterinária da USP, onde passou por alguns exames... segundo os professores e os alunos, ele é um animal calmo, nem parece esse **aí** ((imagens do touro sendo laçado pelo bombeiros aparecem no telão)) que deu o MAior trabalho::: **pros** bombeiros que tentaram laçá-lo na avenida Guido Caloi, no **comecinho** deste mês... **bom**, o DOno terá de apresentar a documentação do TOuro, mas se ele NÃO aparecer, o animal será encaminhado para uma ONG.

À primeira vista, o excerto sob análise se assemelha ao trecho anterior, uma vez que apresenta um discurso contextualizado e desfragmentado. As informações se complementam e se ampliam, acrescentando ao texto uma complexidade característica da língua escrita. Contudo, em uma análise mais apurada, verifica-se um leve *envolvimento* e informalidade na fala da apresentadora, evidenciado pelo uso de contrações e simplificações de pronúncia típicas da língua oral, tais como: a expressão “pros”, contração da preposição *para* mais o artigo definido *os*, o diminutivo “comecinho”, que denota afeto e aproximação, o marcador conversacional de abertura “bom”, que serve para iniciar um enunciado e o marcador conversacional espacial “aí”, que é utilizado na fala da apresentadora para chamar a atenção do telespectador para as imagens do touro no telão. Além disso, o *envolvimento* da apresentadora com o telespectador é comprovado pelo uso do pronome de tratamento “você”, que segundo Kerbrat-Orecchioni (2006) representa familiaridade com o interlocutor.

Embora seja possível observar um planejamento anterior, sem muitas hesitações ou necessidades de reparações no discurso de Mariana, nota-se em sua fala um leve distanciamento da leitura formal e uma aproximação da fala improvisada, elaborada no momento da interação. Em outras palavras, ao utilizar em seu discurso expressões e usos típicos da língua oral corrente, a apresentadora tenta, mesmo de forma sutil, simular uma espécie de conversação entre ela e o telespectador. Para a época, ano de 2009, o uso desses artifícios linguísticos ainda não era frequente, visto que na maioria dos noticiários televisivos predominava um discurso formal, situado muito próximo da escrita, como no primeiro trecho analisado.

Nas análises anteriores verificou-se que o discurso da apresentadora Mariana Godoy, apesar de exibir algumas ocorrências típicas da língua oral coloquial, apresentava-se de forma relativamente formal, situando-se, ainda, próximo à esfera da língua escrita. O mesmo, porém, não se observa nas amostras relativas ao ano de 2018. Nelas, o efeito de conversação entre o apresentador atual, Rodrigo Bocardi, e o telespectador é extremamente evidente. O discurso do apresentador remete a uma fala improvisada, sem indícios de um planejamento prévio, típica do discurso oral. O trecho a seguir, retirado da abertura do primeiro bloco do Bom Dia São Paulo de 4 outubro de 2018, ilustra essa informalidade.

**Rodrigo Bocardi:** muito bom dia, São Paulo::: pré-sexTA, **hein, pessoal, tá** chegando::: ... quinta-feira, hoje, dia 4 de outubro... a temperatura é de 20 graus, nesta manhã em São Paulo::: ... temos o Globocop **aí** já... dá uma olhada nesse céu... **í**::: ... tem chuva... tem chuva em algum lugar **aí ó... ó** o Globocop... ((imagens do helicóptero da Rede Globo aparecem no telão)) **ó** a Glória fazendo sinal de joia aqui... joia... garOA... é garOA... garoa em algum ponto de São Paulo... daqui a pouco **a gente** traz atualização **aí pra vocês**... é a tal da mudANça que falamos **aí** nos últimos dias... no tempo.

Ao comparar o trecho em questão com a fala de Mariana Godoy, em 2009, observa-se que houve alterações perceptíveis no discurso do apresentador atual. Assim, à primeira análise, observa-se uma busca deliberada de informalidade por parte do apresentador, demonstrados pela quantidade de marcadores conversacionais, tanto os resultantes de contrações verbais, como “ó” – contração do verbo “olha” no imperativo – e “tá” – redução derivada do verbo estar na terceira pessoa do singular, está – quantos os não lexicalizados, como “hein” – partícula que expressa dúvida ou suspeita e “í”, partícula que expressa surpresa. Além desses marcadores, verifica-se ainda o uso excessivo do marcador “aí”, dêitico muito usado na linguagem coloquial oral para expressar as ideias de tempo e lugar. Assim, na fala de Bocardi, o primeiro “aí” é empregado para indicar tempo presente, ou seja, o helicóptero da Rede Globo já está sobrevoando a cidade para analisar o trânsito, já está “aí”. O emprego do segundo marcador, por seu turno, indica a ideia de lugar, isto é, chove em algum lugar da cidade.

Observa-se, ainda, no trecho em questão, a presença de formas de tratamento informais, a saber: a locução pronominal “a gente”; o pronome pessoal “você” e o substantivo “pessoal”. Como exposto, o uso de tais formas denotam uma familiaridade e proximidade com o interlocutor, logo, observa-se na fala de Bocardi um desejo de interagir mais intimamente com o telespectador, ou seja, um *envolvimento* que é próprio da conversação natural. Nota-se também, no trecho sob análise, a presença de linguagem não verbal na interação entre os apresentadores. Assim, Glória Vanique, que não aparece na cena de enunciação, pois está distante, responde à exposição do colega por meio do sinal de “joia”, ou seja de confirmação : “ó a Glória fazendo sinal de joia aqui”. Desse modo, observa-se, assim, uma marca de oralidade, isto é, a presença de expressão corporal na comunicação. Além disso, verificou-se ainda, a presença de diversas pausas, indicadas pelas reticências, que apontam o planejamento que ocorre online, ou seja, são

hesitações não preenchidas que auxiliam o falante, no caso Bocardi, no momento de formular o pensamento.

Por último, cabe salientar, como se pode observar na imagem abaixo, uma mudança no formato da apresentação e no próprio cenário do noticiário. A bancada foi substituída por uma quase imperceptível, e os jornalistas apresentam o telejornal em pé, caminhado de um lado para o outro e interagido entre eles, o que assinala um maior *envolvimento*, interação e intimidade com o telespectador.



Figura 3. Bom Dia São Paulo/ Rodrigo Bocardi. Fonte: Google imagens

Neste outro trecho, retirado do primeiro bloco do programa do dia 21 de janeiro de 2019, em que os apresentadores Rodrigo Bocardi e Glória Vanique abordam os reajustes nas tarifas dos ônibus intermunicipais da EMTU, encontram-se mais marcas de oralidade.

**Rodrigo Bocardi:** semana começou mais cara pra quem pega ônibus da EMTU, não é isso?

**Glória Vanique: Isso:::** o governo estadual anunciou os reajustes NAS passagens, na última sexta-feira, **a gente** inclusive falou sobre esses reajustes aqui no Bom Dia... ontem, **né?**... **éh:::** ou seja, dois dias depois... já começou a cobrar... os novos preços, o transporte intermunicipal, **então...** é dividido... por áreas conforme as cidades... e **aí** cada uma tem um preço diferente... **vamo dá uma olhadinha** aqui, Rodrigo... no telão.

**Rodrigo Bocardi: vamo** lá... **os:::** preços das tarifas **aí...**subindo tudo **né?**... já... metrô, ônibus, tudo... agora vem mais **aí** na EMTU.

**Glória Vanique: então**, em média **aí ó** (( a jornalista apresenta os dados no telão digital)) tariFAs vão ficar 6,45% mais caras... região de Guarulhos, Arujá, Mairiporã e Santa Isabel, por exemplo, o reajuste foi de 4,5%.

**Rodrigo Bocardi: éh::** todo lugar, tudo... não lembro, **né?...** **éh::** não lembro de inflação assim, **né?...** inflação muito mais baixa... e TUDO vai bem acima da inflação e isso significa que AQUEle que consegue, no seu salário, um pouquinho de reposição **de inflação, de inflação**, ele tá perdendo renda, **tá** ganhado menos, porque tudo sobe mais do que a inflação.

Dentre os fenômenos típicos da oralidade, o que chama atenção no trecho sob análise é a quantidade de marcadores conversacionais interacionais, tais como “né?”, marcador lexicalizado, “não é isso?” e “então”, marcador conversacional de abertura . Conforme Marcuschi (2003), tais marcadores conversacionais podem funcionar como sinais de saída ou entrega de turno e, via de regra, aparecem no final do turno e em forma indagativa. Além disso, esses marcadores podem funcionar ainda para testar, de forma contínua, que o ouvinte, no caso o co-apresentador ou o próprio telespectador, não só está acompanhando o discurso do falante, mas também está envolvido. Em outros termos, tais marcadores interacionais não possuem apenas um valor fático, uma vez que a sua presença aponta que o falante busca aprovação de suas alegações pelo ouvinte.

Verifica-se, novamente, em alguns turnos do trecho em questão, a ocorrência de marcadores conversacionais resultantes de contrações de verbo, é o caso do “vamo” e “ó”, mais uma vez típicos da língua falada, fáticos e de natureza interrogativa . Além disso, no caso do marcador “ó, contração do verbo “olha”, ele aparece no mesmo trecho, em um dos turnos de Glória Vanique, de forma diferente: “vamo dá uma ‘olhadinha’ aqui”. O uso de tal marcador, além de atuar como uma estratégia para compor a cena de enunciação, convoca o interlocutor a prestar atenção ao conteúdo que será dito. Vale ressaltar ainda, que o uso do diminutivo, típico do português brasileiro, atenua, com certa afetividade, a natureza fática imperativa do enunciado, o que torna a fala da apresentadora mais íntima e familiar, denotando um maior *envolvimento*.

Vale ressaltar ainda a presença da locução pronominal “a gente” que aparece mais uma vez no discurso dos apresentadores: “a gente inclusive falou sobre esses reajustes aqui no Bom Dia”. Como já discutido, o uso de tal expressão é uma marca típica da oralidade. No trecho em questão tal marcador conversacional é utilizado como uma forma de aproximar o telespectador do noticiário em questão , ou seja, tal expressão tem como

finalidade reunir apresentadores e telespectadores dentro de uma mesma identidade. Dito de outro modo, ao recordar aos telespectadores que em outro momento tal tema foi discutido no telejornal, a apresentadora reafirma que o telespectador faz parte do programa e dos conteúdos que são discutidos e apresentados no noticiário.

Nota-se, também, no mesmo trecho alongamentos, hesitações, reformulações de enunciados e repetições. Com relação aos alongamentos, observa-se que, em alguns momentos, ele é utilizado com função fática e, em geral, vem acompanhado de elevação do tom da voz, como “Isso:::”, ou seja, nessa passagem, a apresentadora enfatiza que concorda com as alegações de Bocardi. Já em outros momentos, como o “éh:::”, utilizado por ambos apresentadores, funciona como uma muleta verbal que serve para ganhar tempo até que o pensamento seja formulado. No que diz respeito às hesitações, observa-se tanto hesitações preenchidas como os “éh:::” seguidas de alongamento, quanto hesitações não preenchidas. No que se refere às hesitações preenchidas, Marcuschi (1999) argumenta que o som “éh” é o marcador hesitativo por excelência da língua portuguesa falada, aparecendo com maior percentual em todos os textos e níveis de formalidade. As hesitações não preenchidas, por sua vez, são representadas por pausas, ou seja, os silêncios prolongados. No que diz respeito às repetições, verifica-se no trecho em questão a ocorrência de uma repetição hesitativa, qual seja, “de inflação, de inflação”. Tal repetição, no trecho assinalado, tem por intuito ganhar tempo para que o apresentador possa construir os próximos enunciados.

Neste outro trecho, retirado do último bloco do mesmo programa, verifica-se, além da grande quantidade de marcadores conversacionais, repetições, hesitações e autocorrecções. O trecho sob análise é um excerto de uma reportagem acerca das fraudes no bilhete único no estado de São Paulo.

**Rodrigo Bocardi:** Isso aí, né?... e o pessoal tá repercutindo aqui, daqui a pouquinho **a gente** vai voltar a falar com... o Filippo Macunso em outro trecho **aí** da reportagem com os flagrantes e tudo mais... **tô** tentando vê se eu acho aqui **ó** ((movimenta a tela do celular)), eu li ainda a pouco, alguém... tentando lembrar o nome da pessoa que dizia o seguinte: “**cê** viu a dificuldade que é pra você conseguir um cartão do bilhete único... **se você tiver... se você tiver... uma::: ...uma:::** facilidade será que não seria o começo... **pra** evitar esse tipo de coisa?”

**Glória Vanique:** **mas** antes era mais fácil comprar, Rodrigo, e também tinha fraude, a questão, **eu acho que** não está na facilidade ou na dificuldade, a questão é o sis:::teMA que é corromPÍVEL... **né?**...você vê que... é um sistema de

computador que consegue corromPER e **entr/ invaDir** o sistema do bilhete único, é isso::: que eles precisam resolver...né?...então é isso daí **que... que** precisa ser melhorado.

Como já exposto nos trechos anteriores, nota-se nesse trecho a ocorrência de diversos marcadores conversacionais interacionais, como o marcador interacional “né?”, o marcador espacial “aí”, “então”, marcador de abertura; contrações de preposições, “pra”; contrações de pronomes “cê”, que revela um alto nível de informalidade, e contrações de verbos, como “tô”, contração do verbo “estou” e “ó”, contração do verbo “olha”. Ainda no que diz respeito aos marcadores conversacionais, detecta-se também a presença de marcadores com função de sequenciadores de tópico, é o caso do marcador “mas”. Conforme o estudioso Hudinilson Urbano (1999), o marcador “mas” funciona como um operador argumentativo que visa propor ou redirecionar argumentos. Em outros termos, tal marcador, na fala de Glória Vanique, tem como objetivo levar o interlocutor, Rodrigo Bocardi, a uma certa linha de pensamento, ou seja: a facilidade na compra no bilhete único não ajudará na prevenção de fraudes.

Verifica-se, novamente, na fala de ambos apresentadores, a ocorrência de pausas hesitativas preenchidas e não preenchidas. No que diz respeito às pausas preenchidas, averigua-se o uso de pausas preenchidas por marcadores conversacionais acumulados, como “isso aí, né?”, o uso de pausas preenchidas por repetições hesitativas seguidas ou não de alongamentos, como “se você tiver... se você tiver”, “uma::: ... uma:::” e “que... que”. Como dito anteriormente, tais hesitações funcionam como um apoio verbal para que o falante possa ganhar tempo para elaborar e/ou reformular o pensamento.

Constata-se, também na fala de Glória Vanique indícios de subjetividade: “...a questão, **‘eu acho que’** não está na facilidade ou na dificuldade...”. Conforme pontua o estudioso Paulo Galembeck (2002), o marcador conversacional proposicional “eu acho que” configura uma marca de subjetividade no texto falado, que contribui não só para o desenvolvimento da troca comunicativa, mas também para o partilhamento de ideias. Assim, ao utilizar tal marcador opinativo, a apresentadora partilha com o público a sua opinião sobre o tema em questão de forma marcadamente individual. Logo, fica evidente que, hoje, o jornalista é convidado não só a participar da notícia, mas também a opinar. Dessa forma, a presença do jornalista é, então, destacada por meio de uma linguagem

mais informal que permite o uso de primeira pessoa, comentários, cumprimentos e, até mesmo, reações involuntárias.

Por fim, observa-se ainda, na fala de Glória Vanique, a ocorrência de uma autocorreção: “é um sistema que consegue corromper e entr/invadir o sistema do bilhete único”. Assim, Glória começa a dizer que o sistema consegue corromper e “entrar”, mas logo substitui a palavra “entrar” pelo vocábulo “invadir”. Trata-se, portanto, conforme postulam Fávero, Andrade e Aquino (1999), de uma “infirmiação” de ordem linguística, ou seja, a seleção lexical não era a pretendida e, por isso, houve uma substituição. Tal ocorrência, segundo as mesmas autoras, tem por objetivo proporcionar uma maior precisão referencial ao tópico em discussão. As autoras chamam atenção ainda para o fato de que as autocorreções têm também a função de preservar a imagem pública do falante, isto é, preservar a face de quem fala, no caso a apresentadora Glória Vanique.

#### 4.3. INTERAÇÃO AO VIVO : RISOS, BEIJOS, SOBREPOSIÇÕES DE FALA E ASSALTOS AO TURNO

No trecho a seguir do dia 4 de outubro de 2018, é possível observar um momento de descontração e interação entre os apresentadores durante a apresentação do telejornal. No trecho em questão, o apresentador principal, Rodrigo Bocardi, antes de chamar o jornalista Cássio Barco, que apresentará as notícias do esporte, lê em voz alta algumas mensagens que os telespectadores enviam ao noticiário e chama atenção para uma mensagem em que a apresentadora Glória Vanique é denominada de “princesa das notícias”, o que gera uma interação em tom descontraído entre os falantes.

**Rodrigo Bocardi:** algo mais:::?

**Glória Vanique:** por enquanto, só.

**Rodrigo Bocardi:** tá bom, 7:02, a princesa das notícias::: ... ((aponta para a apresentadora Glória Vanique em tom jocoso))

**Glória Vanique:** que isso?! ((a apresentadora parece surpresa))

**Rodrigo Bocardi:** vamo troca, **então**, sai a princesa das notícias e vem o “princeso” das...]

**Glória Vanique:** [que princesa das notícias?] (( a apresentadora pergunta em tom descontraído))

**Cássio Barco:** [o “princeso”, **tá** tão longe...]

**Rodrigo Bocardi:** [eu vou contar, eu vou contar...]

**Cássio Barco:** [que precisa de uma batalhão...]

**Rodrigo Bocardi:** [não, deixa eu contar]

**Glória Vanique:** [chega, capivara ] (( a apresentadora põe a mão no ombro do colega, Cássio))

**Rodrigo Bocardi:** a gente tá sem tempo de mostrar ali na tela, mas sempre de olho ((Bocardi lê a mensagem do telespectador no celular)), daí o Kevin diz: eu amo o programa... lembre-se que a Glória é nossa princeSA::: **da/das** notícias, trAte-A bEm e com carinho, ele faz no início uma crítica, dizendo que... eu dou

[indiretas::: e aGUIhadas::: e que a Glória

**Glória Vanique:** [não é verdade:::]

**Rodrigo Bocardi:** [é uma jornalista de respeito, vocês são colegas e não rivais

**Glória Vanique:** muito obrigada, mas nós somos sempre co:::legas, **ah:::**

**Rodrigo Bocardi:** [ai, dá um beijinho] ((Bocardi beija o rosto da apresentadora))

**Cássio Barco:** [beijinho na princ...]

**Glória Vanique:** [nã:::o, nós não somos rivais nu:::nca]

**Cássio Barco:** [dá um tchau de princesa, agora, **Glórinha**, pra sair da tela...]

**Glória Vanique:** [ah:::]

**Rodrigo Bocardi:** [tchau de princesa] ((risos))

**Cássio barco:** [tchau de princesa pra sair da tela, vai ]

**Glória Vanique:** [tchau de princesa:::] ((a apresentadora acena com a mão))

No trecho em destaque verifica-se, também, uma grande quantidade de marcadores conversacionais interacionais, tais como “tá”, “então” e “ah”. No caso do marcador interacional “ah”, Urbano (1999) argumenta que ele ocorre em passagens de diálogo das quais costuma indiciar formas de reação espontânea do falante diante de seu parceiro, isto é, uma mistura de surpresa, hesitação e preocupação, como na fala de Glória, por exemplo: “muito obrigada, mas nós somos sempre co:::legas, ah:::”. Como se pode observar, o marcador “ah”, na fala da apresentadora, vem seguido de um extenso alongamento, o que denota uma hesitação e ao mesmo tempo preenche a pausa no final do turno. Contudo, o que chama atenção nesse trecho é a informalidade com a qual os apresentadores conduzem o diálogo e como as passagens de turno ocorrem.

Assim, no que diz respeito às passagens de turno, observa-se em todo o trecho tanto passagens consentidas e requeridas quanto “assaltos ao turno”, fenômeno discutido no capítulo 2 desta pesquisa. Em relação às passagens requeridas e consentidas, nota-se que a troca de falantes se dá de forma harmônica no início do excerto. Assim, Bocardi, o

falante que detém o turno passa o turno a Glória Vanique por meio de uma passagem requerida, ou seja, uma pergunta: “algo mais?”. A apresentadora responde e logo repassa o turno de forma consentida: “por enquanto, só”. Dessa forma, nos dois turnos analisados a transição de turnos ocorreu de forma coesiva. Em outras palavras, ambos falante e ouvinte percebem que o turno está completo ou concluído e, portanto, têm o direito a palavra.

O mesmo, porém, não acontece nos turnos seguintes, em que a transição de turnos é marcada pela sobreposição de fala, assaltos e retomadas de turnos e, até mesmo perda da face positiva. Embora não seja possível verificar de forma pontual por meio da transcrição do trecho, a perda da face positiva da apresentadora Glória Vanique fica evidente quando Rodrigo Bocardi a chama, em tom jocoso, de “princesa notícias”. A surpresa e espanto da jornalista diante do “elogio” inesperado do apresentador durante o programa ao vivo é confirmada tanto por marcadores paralinguísticos, como a expressão facial e a gesticulação corporal, quanto por marcadores verbais, como a pergunta: “que isso?!”. Diante disso, pode-se afirmar que o telejornal em questão realmente promove uma conversação entre os apresentadores, uma vez que a interação entre eles remete à uma conversação natural, face a face, que se dá de modo informal e imprevisto, como indicado no trecho sob análise.

Com relação aos assaltos de turno e sobreposição de fala, observam-se várias ocorrências no trecho em questão. Como já discutido nos capítulos anteriores, os diálogos são regidos pelo princípio da alternância, ou seja, fala um de cada vez. Contudo, em se tratando de conversações espontâneas, os assaltos ao turno e sobreposição de fala não são raros, principalmente, quando há três ou mais falantes. Nesse sentido, em relação aos assaltos ao turno, nota-se no trecho selecionado que o turno do apresentador Rodrigo Bocardi foi interrompido em várias ocasiões, como neste exemplo:

**Rodrigo Bocardi:** vamo troca, então, sai a princesa das notícias e vem o “princeso” das...].”

**Glória Vanique:** [que princesa das notícias?].

Como se pode observar, o turno do apresentador foi interrompido por Glória Vanique sem que ele houvesse solicitado a participação da jornalista. Tal fenômeno

presente nas conversações cotidianas trazem ao noticiário um tom de coloquialidade, uma vez que o contato entre os apresentadores se assemelha a uma interação face a face. Além disso, por meio desse engajamento entre os apresentadores, o telespectador pode se sentir parte dessa interação, como se estivesse participando de uma conversa em uma “roda de amigos.

Ainda no mesmo trecho verifica-se, também retomadas de turno, ou seja, negociações entre os apresentadores no que diz respeito à alternância de turnos. Assim, em dois momentos do trecho, Bocardi, em uma tentativa de retomar a palavra, utiliza as seguintes expressões: “eu vou contar, eu vou contar”/ não, deixa eu contar”. Dessa maneira, o jornalista tenta reaver o turno que lhe foi “tomado” por meio de uma negociação explícita, isto é, recorre a um enunciado metacomunicativo ou metalinguístico.

Com relação às sobreposições de falas, constata-se que o trecho é marcado por falas sobrepostas, ou seja, os falantes não obedecem às regras de alternância de turnos e todos falam ao mesmo tempo. Tal fenômeno evidencia, mais uma vez, as mudanças e transformações no formato de apresentação do telejornal. Em telejornais mais formais, como o Jornal Nacional, a sobreposição de vozes quase não ocorre e quando ocorre, ocorre de forma mais sutil. Pode-se afirmar, portanto, que a troca de turnos no telejornal *Bom Dia São Paulo* acontece de maneira informal, isto é, situa-se mais dentro da esfera das conversações cotidianas, de forma mais engajada e natural.

Vale ressaltar ainda, embora não seja possível transcrever de forma pontual, no trecho em destaque, a presença de marcadores não verbais ou paralinguísticos, que contribuem de forma significativa na interação dos apresentadores. Assim, verifica-se nesse trecho risos, gesticulação corporal, cumprimentos entre os falantes, como o beijo que Bocardi dá no rosto de Glória, toques, como a palmadinha que Glória dá nas costas do colega Cássio, entre outros. Assim, a presença desses marcadores comprova, mais uma vez, que as marcas de oralidade estão cada vez mais presentes nos telejornais contemporâneos.

Por último, verifica-se ainda um efeito de afetividade no trecho em questão que é evidenciado não só por meio de marcadores verbais, mas também, por marcadores não

verbais. Um bom exemplo disso são as formas de tratamento carinhosas que os apresentadores utilizam, quais sejam: o apelido “capivara”, utilizado por Glória para se referir ao colega Cássio, e o diminutivo “Glorinha”, utilizado por Cássio para se referir a colega Glória. Tais estratégias discursivas aproximam cada vez mais o telespectador do telejornal, visto que propõem um relacionamento mais afetivo entre os produtores e receptores do discurso.

## 5. CONCLUSÃO

Conforme sublinhado na introdução, este trabalho teve como objetivo investigar a construção das marcas de oralidade no telejornal matutino *Bom Dia São Paulo*, de modo a identificar e analisar como elas se manifestam no discurso do noticiário e demonstrar como podem ser utilizadas como estratégia de aproximação do telespectador. Para alcançar tais objetivos, no primeiro capítulo, buscou-se fazer uma breve discussão acerca dos principais conceitos do jornalismo, da linguagem jornalística e do telejornalismo, no segundo se discutiu aspectos centrais da Análise da Conversação e no terceiro as diferenças e semelhanças entre a língua falada e língua escrita, que serviram de base teórica para a análise. No quarto e último capítulo se apresentou o *corpus* da análise e, em seguida, analisou-se os trechos selecionados para a pesquisa.

De modo geral, a análise dos trechos retirados do programa *Bom dia São Paulo* demonstrou que a linguagem adotada no telejornal, hoje, possui marcas evidentes de oralidade, que traz ao noticiário uma informalidade mais acentuada em comparação a outros telejornais mais tradicionais, como o *Jornal Nacional*. Isso se evidencia nas falas dos jornalistas, que apresentam diversos marcadores conversacionais interacionais, tais como: *aí, né, eh, hein, ah, bom e então*. A análise dos textos orais permitiu, ainda, concluir que, muitas vezes, as interações entre os apresentadores e os próprios telespectadores evidenciam uma conversação espontânea, com pausas, hesitações, trocas de turnos, improvisações e até mesmo perda da face positiva, visto que tais usos pertencem à esfera da conversação face a face cotidiana e, também, fazem parte de um contexto informal.

Nesse contexto, verificou-se que os marcadores interacionais contribuem para tornar o telejornal mais leve, atraente e próximo da linguagem coloquial dos telespectadores. Em outras palavras, as notícias são apresentadas de maneira menos formal, com traços de coloquialidade, o que produz um efeito de conversação e um maior envolvimento emocional. Esse envolvimento emocional pode ser evidenciado ainda nas formas de tratamento utilizadas pelos apresentadores para se referir ao público espectador, como “a gente”, “você” e “pessoal”. Assim, ao utilizar formas de tratamento informais e mais próximas da esfera do cotidiano, como “a gente”, o telejornal não só incita a

participação do telespectador, mas também o convida a se tornar um membro da “família” do telejornal.

Além das mudanças na linguagem telejornalística atual, que apresenta um discurso cada vez mais informal, a análise revelou ainda transformações no próprio formato do telejornal. Assim, como se pôde observar por meio das imagens, os noticiários, em geral, vêm investido de forma crescente em um ambiente tecnológico e descontraído, onde os apresentadores têm autonomia de circular e interagir com o telespectador, ora por meio das próprias câmeras, ora por meio de mídias digitais, tais como: *WhatsApp*, *facebook*, vídeos enviados pelos próprios telespectadores, entre outros.

Diante disso, conclui-se que o discurso do telejornal *Bom Dia São Paulo* aproxima-se muito mais da língua falada, isto é, da conversação espontânea. Isso se deve, principalmente, às mudanças no cenário jornalístico que, nos dias atuais, está cada vez mais democratizado e inclusivo. Grosso modo, com a evolução dos meios de comunicação, a propagação das novas mídias e a consolidação da internet como uma plataforma de informação, o jornalismo televisivo vem investindo em um vasto arsenal de recursos para fidelizar o telespectador e isso inclui modificações marcantes na linguagem adotada pelos apresentadores.

Além disso, a análise do *corpus* demonstrou, também, que, no telejornal *Bom Dia São Paulo*, a linguagem não verbal é empregada de forma mais acentuada. Assim, embora não seja possível sublinhar tais usos por meio das transcrições dos textos orais, notou-se que, no programa, os apresentadores têm mais liberdade para se comunicar e para expressar as emoções por meio de recursos não verbais, como: como o sinal de joia, a expressão corporal e facial, a gesticulação, os toques, os cumprimentos, os abraços, os beijos e o olhar. Tais recursos não verbais confirmam, mais uma vez, não só as mudanças no telejornalismo, mas, também, a presença acentuada de marcas de oralidade.

Nessa perspectiva, como observado por meio da análise dos trechos, cabe enfatizar ainda, no que diz respeito aos apresentadores, indícios marcantes de subjetividade, ou seja, eles possuem uma maior autonomia para opinar e se posicionar sobre os acontecimentos noticiados de forma mais individual. Isso fica evidente por meio do uso de expressões e marcadores, como “eu acho que” e “eu vou contar”. Como

discutido no primeiro capítulo, isso se deve, principalmente, às mudanças no gênero telejornalístico, que, atualmente, tende a utilizar a imagem do apresentador não apenas como um narrador-mediador imparcial, mas um sujeito- mediador com opiniões e posicionamentos próprios, que está interessando, assim como o telespectador, nos fatos ali noticiados. Tal posicionamento evidente por parte dos apresentadores revela ainda mais uma estratégia de aproximar e envolver o telespectador, que começa a ver o apresentador não mais como narrador dos fatos, mas como um cidadão preocupado com os acontecimentos da comunidade.

Vale ressaltar também, a questão da audiência que, com o fortalecimento de outros canais, está cada vez mais acirrada. Dessa maneira, para vencer a incessante luta pela atenção e fidelidade do telespectador, os noticiários, como o *Bom Dia São Paulo*, recorrem a estratégias de aproximação e envolvimento emocional que vão desde o uso de uma linguagem informal e mais próxima a realidade do público ao uso de tecnologias de comunicação. Tais estratégias comprovam as constantes transformações no modo como produzimos e consumimos informação e no próprio comportamento do telespectador-consumidor que, nos dias atuais, tem diversas opções de plataformas e canais para se manter informado e, portanto, está cada vez mais exigente.

Assim, como pontua Mouillaud (2012),

O jornal pertence à rede de informações que começou a tecer-se em torno do nosso globo no século passado e que o envolve em um fluxo imaterial que está em perpétua modificação. ( MOUILLAUD, 2012, p. 4)

Em suma, os trechos analisados, neste trabalho, constituem uma pequena amostra da inesgotável possibilidade de exploração de recursos linguísticos e não verbais que caracterizam o gênero telejornalístico. A presente pesquisa buscou fazer um breve recorte específico – as marcas de oralidade – dentro dessa vasta área que representam as mídias televisivas. Sendo assim, seria interessante desenvolver uma pesquisa que focasse aspectos que não foram analisados neste trabalho, como outros tipos de marcadores conversacionais, tais como o “lá”, ou ainda aprofundar aspectos que foram tratados aqui de modo superficial, como a subjetividade dos apresentadores, tarefa que gostaríamos de realizar em uma possível pesquisa de mestrado.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, José Salomão. *O impacto das inovações tecnológicas e das mídias digitais na concepção e na prática do jornalismo*. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 3.ed. Brasília: EDITORA UNB, 2012.
- BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. *Jornalismo de TV*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução: Ângela. S.M. Corrêa. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- DIAS, Ana Rosa Ferreira. *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo*. São Paulo: Cortez, 1996.
- DIAS, Ana Rosa Ferreira. *Mídia e interação: estratégias de envolvimento do leitor na construção do discurso da notícia*. In: PRETI, Dino (org.). *Oralidade em diferentes discursos*. 1.ed. São Paulo, Humanitas. P. 111-127
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Oralidade e escrita*. São Paulo: Cortez, 2009.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *A correção no texto falado: tipos funções e marcas*. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.) *Gramática do português falado: volume VII novos estudos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. P. 53-76
- FERRAZ, Patrícia. *O simulacro da conversação no Jornal Nacional*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- GALEMBECK, Paulo de Tarso. *Marcas da subjetividade e intersubjetividade em textos conversacionais*. In: PRETI, Dino (org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002. P. 67-88
- GUTMANN, Juliana Freire. *Formas do telejornal: linguagem televisiva, jornalismo e mediações culturais*. Salvador: EDUFBA, 2014.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- LAGE, Nilson. *A linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 1990.
- LAGE, Nilson. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e escrita*. Revista Signótica 9:119-145, jan/dez 1997. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/7396/5262>

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *A hesitação*. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.) *Gramática do português falado: volume VII novos estudos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. P. 159-194

MOUILLIAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 3.ed. Brasília: UNB, 2012.

MEMÓRIA GLOBO. *Bom Dia São Paulo*. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/bom-dia-sao-paulo/fotos-e-videos.htm> - Último acesso em: 17/02/2019

PRETI, Dino. *Alguns problemas interacionais da conversação*. In: PRETI, Dino (org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002. P. 45-66

URBANO, Hudinilson. *Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos*. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.) *Gramática do português falado: volume VII novos estudos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. P. 195-258